

Exercícios com Gabarito de Português Níveis de Linguagem

Já está entregue.
(Luís Fernando Veríssimo)

1) (FGV-2001)

O MELHOR DE CALVIN / Bill Watterson



© Estado de S. Paulo, 14 de abril de 2001.

Nos três primeiros quadrinhos, a linguagem utilizada é mais formal e, no último, mais informal.

Assinale a alternativa que traga, primeiro, uma marca da **formalidade** e, depois, uma marca da **informalidade** presentes nos quadrinhos.

- a) Vilania; vosso.
- b) Vós; você.
- c) Estou; você.
- d) Tenhais; segui.
- e) Notícias; falem.

2) (UFSCar-2002) Texto 1

Até o fim

(Chico Buarque)

Quando eu nasci veio um anjo safado
O chato dum querubim
E decretou que eu tava predestinado
A ser errado assim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim.

Texto 2

Poema de Sete Faces

(Carlos Drummond de Andrade)

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.
(...)

O anjo é um elemento comum aos dois textos.

- a) De que forma são tratados os anjos nos textos?
- b) Nos versos de Chico Buarque, o querubim “decretou”; nos de Drummond, o anjo “disse”. Qual a diferença desses verbos na caracterização do querubim e do anjo?

3) (Fuvest-2004) Capitulação

Delivery
Até pra telepizza
É um exagero.
Há quem negue?
Um povo com vergonha
Da própria língua

- a) O título dado pelo autor está adequado, tendo em vista o conteúdo do poema? Justifique sua resposta.
- b) O exagero que o autor vê no emprego da palavra “delivery” se aplicaria também a “telepizza”? Justifique sua resposta.

4) (UFSCar-2004)

Precisamos de um novo “software” para acessar o mundo. As soluções que serviam há 30 anos já não valem mais. Os jovens atuais não copiam nada, pelo contrário: são filhos da era pós-industrial e estão criando uma nova cultura. Os toques foram dados pelo psicanalista lacaniano Jorge Forbes, durante a palestra Édipo, adeus: o enfraquecimento do pai.

Há uma nova ordem social no mundo. Muitos pais, educadores, psicanalistas, pensadores, todos ainda apresentam velhas soluções para novos problemas, mas é o momento de observar as mudanças, de agir de acordo com elas. Forbes lembrou que, antigamente, o jovem reclamava por não ter liberdade de escolha. Hoje, ele tem essa liberdade e se sente completamente perdido. Isso leva, entre outras coisas, às drogas e à depressão.

O jovem moderno é diferente daquele da geração de 68, que levantava bandeiras e pregava planos de reforma da educação e da sociedade. A globalização provocou mudanças. Antes, as pessoas queriam pertencer a grandes corporações ou ter profissões reconhecidas. Não é mais uma honra ficar no mesmo emprego por mais de cinco anos e acabou essa história de “sujar a carteira”, termo usado para quem ficava pouco tempo num só trabalho. A globalização pulverizou os ideais e exige de cada pessoa uma escolha meio angustiante: será que realmente queremos o que desejamos? No lugar do papel contestador da geração 68, temos hoje uma geração jovem que exhibe fracasso escolar, menosprezo e desinteresse pelo saber orientado. O jovem não vê razão em se formar; em ser doutor, bússola da geração dos seus pais. Vivemos uma vida que foi despadrionizada. “Somos passageiros de um novo mundo”, acrescentou o psicanalista.

(Adaptado de Janete Trevisan, Jornal do Cambuí.)

- a) A que se refere a palavra toques, em *Os toques foram dados pelo psicanalista lacaniano Jorge Forbes*?
- b) Construa uma frase com a palavra toque, no sentido empregado pela autora.

5) (UFSCar-2004)

Precisamos de um novo “software” para acessar o mundo. As soluções que serviam há 30 anos já não valem mais. Os jovens atuais não copiam nada, pelo contrário: são filhos da era pós-industrial e estão criando uma nova cultura. Os toques foram dados

pelo psicanalista lacaniano Jorge Forbes, durante a palestra Édipo, adeus: o enfraquecimento do pai.

Há uma nova ordem social no mundo. Muitos pais, educadores, psicanalistas, pensadores, todos ainda apresentam velhas soluções para novos problemas, mas é o momento de observar as mudanças, de agir de acordo com elas. Forbes lembrou que, antigamente, o jovem reclamava por não ter liberdade de escolha. Hoje, ele tem essa liberdade e se sente completamente perdido. Isso leva, entre outras coisas, às drogas e à depressão.

O jovem moderno é diferente daquele da geração de 68, que levantava bandeiras e pregava planos de reforma da educação e da sociedade. A globalização provocou mudanças. Antes, as pessoas queriam pertencer a grandes corporações ou ter profissões reconhecidas. Não é mais uma honra ficar no mesmo emprego por mais de cinco anos e acabou essa história de "sujar a carteira", termo usado para quem ficava pouco tempo num só trabalho. A globalização pulverizou os ideais e exige de cada pessoa uma escolha meio angustiante: será que realmente queremos o que desejamos? No lugar do papel contestador da geração 68, temos hoje uma geração jovem que exibe fracasso escolar, menosprezo e desinteresse pelo saber orientado. O jovem não vê razão em se formar; em ser doutor, bússola da geração dos seus pais. Vivemos uma vida que foi despadronizada. "Somos passageiros de um novo mundo", acrescentou o psicanalista.

(Adaptado de Janete Trevisan, Jornal do Cambuí.)

A autora utiliza alguns elementos da tecnologia para traduzir seu pensamento no texto.

- Transcreva um trecho em que isso acontece.
- Qual o sentido, no último parágrafo do texto, da frase *Vivemos uma vida que foi despadronizada*?

6) (Fuvest-1994) "A princesa Diana já passou por poucas e boas. Tipo quando seu ex-marido Charles teve um love affair com lady Camille revelado para Deus e o mundo."
(Folha de S. Paulo, 5/11/93)

No texto acima, há expressões que fogem ao padrão culto da língua escrita.

- Identifique-as.
- Reescreva-as conforme o padrão culto.

7) (Fatec-1995) "Ela insistiu:
- Me dá esse papel aí."

Na transposição da fala do personagem para o discurso indireto, a alternativa correta é:

- Ela insistiu que desse aquele papel aí.
- Ela insistiu em que me desse aquele papel ali.
- Ela insistiu em que me desse aquele papel aí.

- Ela insistiu por que lhe desse este papel aí.
- Ela insistiu em que lhe desse aquele papel ali.

8) (Fuvest-2001) "As pessoas ficam zoando, falando que a gente não conseguiria entrar em mais nada, por isso vamos prestar Letras", diz a candidata ao vestibular. Entre os motivos que a ligaram à carreira estão o gosto por literatura e inglês, que estuda há oito anos.
(Adaptado da Folha de S. Paulo, 22/10/00)

- As aspas assinalam, no texto acima, a fala de uma pessoa entrevistada pelo jornal. Identifique duas marcas de coloquialidade presentes nessa fala.
- No trecho que não está entre aspas ocorre um desvio em relação à norma culta. Reescreva o trecho, fazendo a correção necessária.

9) (Fuvest-2002) "O que dói nem é a frase (Quem paga seu salário sou eu), mas a postura arrogante. Você fala e o aluno nem presta atenção, como se você fosse uma empregada."
(Adaptado de entrevista dada por uma professora. Folha de S. Paulo, 03/06/01)

- A quem se refere o pronome você, tal como foi usado pela professora? Esse uso é próprio de que variedade lingüística?
- No trecho como se você fosse uma empregada, fica pressuposto algum tipo de discriminação social? Justifique sua resposta.

10) (FGV-2001) A concisão é uma qualidade da comunicação. Transcreva as frases abaixo, mas elimine o que for redundante.

- Compre dois sabonetes e ganhe grátis o terceiro.
- O jogador encarou de frente o adversário.
- O advogado é um elo de ligação entre o cliente e a Justiça.
- Certos países do mundo vivem em constante conflito.
- No momento não temos esse produto, mas vamos recebê-lo futuramente.

11) (Enem Cancelado-2009) A escrita é uma das formas de expressão que as pessoas utilizam para comunicar algo e tem várias finalidades: informar, entreter, convencer, divulgar, descrever. Assim, o conhecimento acerca das variedades lingüísticas sociais, regionais e de registro torna-se necessário para que se use a língua nas mais diversas situações comunicativas. Considerando as informações acima, imagine que você está à procura de um emprego e encontrou duas empresas que precisam de novos funcionários. Uma delas exige uma carta de solicitação de emprego. Ao redigi-la, você

- fará uso da linguagem metafórica.
- apresentará elementos não verbais.
- utilizará o registro informal.

- d) evidenciará a norma padrão.
- e) fará uso de gírias.

12) (ENEM-2006)

A linguagem
na ponta da língua
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que quer dizer?
Professor Carlos Góis, ele e quem sabe,
e vai desmatando

10 o amazonas de minha ignorância. Figuras
de gramática, esquemáticas, atropelam-me,
aturdem-me, sequestram-me.

1Ja esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a priminha.

O português são dois; o outro, mistério.

Carlos Drummond de Andrade. *Esquecer para lembrar*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

No poema, a referência a variedade padrão da língua esta expressa no seguinte trecho:

- a) "A linguagem / na ponta da língua" (v.1 e 2).
- b) "A linguagem / na superfície estrelada de letras" (v.5 e 6).
- c) "[a língua] em que pedia para ir lá fora" (v.14).
- d) "[a língua] em que levava e dava pontapé" (v.15).
- e) "[a língua] do namoro com a priminha" (v.17).

13) (Unicamp-1998) A transcrição que você vai ler a seguir foi retirada de uma aula de História Contemporânea ministrada no Rio de Janeiro no final da década de 70. Como se trata de um texto falado, é bastante entrecortado e repetitivo, características tidas como inapropriadas para a língua escrita. Leia o trecho como se você estivesse "ouvindo" a aula; em seguida,

- a) responda com uma única frase: qual é o principal propósito da passagem transcrita?
- b) elimine os traços de oralidade do texto e resuma a aula no máximo em 30 palavras.

... nós vimos que ela assinala...como disse o colega aí...a elevação da sociedade burguesa... e capitalista...ora...pode-se já ver nisso...o que é uma revolução...uma revolução significa o quê? Uma mudança...de classe...em assumindo o poder...você vê por exemplo...a Revolução Francesa...o que ela significa? Nós vimos...você tem uma classe que sobe... e outra classe que desce...não é isso? A burguesia cresceu...ela ti/ a burguesia

possuía...o poder...econômico...mas ela não tem prestígio social...nem poder político...então...através desse poder econômico da burguesia...que controlava o comércio...que tinha nas mãos a economia da França...tava nas mãos da classe burguesa...que crescera...desde o século quinze...com a Revolução Comercial...nós temos o crescimento da burguesia...essa burguesia quer...quer...o poder...ela quer o poder político... ela quer o prestígio social...ela quer entrar em Versalhes...então nós vamos ver que através...de uma Revolução...ela vai...de forma violenta...ela vai conseguir o poder...isso é uma revolução porque significa a ascensão de uma classe e a queda de outra...mas qual é a classe que cai? É a aristocracia...tanto que... o Rei teve a cabeça cortada... não é isso? caiu... o poder das classes privilegiadas e uma nova classe subiu ao poder...você diz...por exemplo...que a Revolução Russa de dezesete... é uma verdadeira revolução...por quê? porque significa... a ascensão duma classe nova...que tem o poder...ou melhor...que assume o poder...o proletariado. (Dinah Callou (org.) *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro - materiais para seu estudo: Elocuções formais*. Rio: Furb, 1991 pp.104-105).

14) (UFSCar-2000) A tribo se acabara, a família virara sombras, a maloca ruíra minada pelas saúvas e Macunaíma subira pro céu, porém ficara o aruaí do séquito daqueles tempos de dantes em que o herói fora o grande Macunaíma imperador. E só o papagaio no silêncio do Uraricoera preservava do esquecimento os casos e a fala desaparecida. Só o papagaio conservava no silêncio as frases e os feitos do herói.

Tudo ele contou pro homem e depois abriu asa rumo de Lisboa. E o homem sou eu, minha gente, e eu fiquei pra vos contar a história. Por isso que vim aqui. Me acocorei em riba destas folhas, catei meus carrapatos, ponteei na violinha e em toque rasgado botei a boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, herói de nossa gente. Tem mais não.

(Mário de Andrade: **Macunaíma - o herói sem nenhum caráter**. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978, p. 148.)

No texto, o narrador qualifica a sua linguagem como fala impura, ou seja, como linguagem mal tolerada pelos gramáticos do começo do século, principalmente por aqueles que defendiam o parnasianismo e o realismo acadêmico.

- a) Destaque três expressões do segundo parágrafo que exemplificam a fala impura.
- b) Explique por que essas expressões podem ser consideradas exemplos de fala impura e, em seguida, transforme-as em fala pura.

15) (Fuvest-1997) A única frase inteiramente de acordo com as normas gramaticais do padrão culto é:

- a) A secretária pretende evitar que novos mandados de segurança ou liminares contra o decreto sejam expedidas.
- b) O CONTRU interdito várias dependências do prédio, inclusive o Salão Azul, cujo o madeiramento do forro foi atacado por cupins.
- c) O ministro da Agricultura da Inglaterra declarou que por hora não há motivo para sacrificar os animais.
- d) A poucos dias da eleição, os candidatos enfrentam agora uma verdadeira maratona.
- e) "Posso vencê-las, mesmo que usem drogas, pois não é isso que as tornarão invencíveis", declarou a nadadora.

16) (Fuvest-2001) a) "Se eu não tivesse atento e olhado o rótulo, o paciente teria morrido", declarou o médico. Reescreva a frase acima, corrigindo a impropriedade gramatical que nela ocorre.

b) A ecologia, combinação de princípios da economia, sociologia e ecologia, é defendida por ambientalistas como maneira de se viabilizarem formas alternativas de desenvolvimento. Reescreva a frase acima, transpondo-a para a voz ativa.

17) (Fuvest-1999) Amantes dos antigos bolachões penam não só para encontrar os discos, que ficam a cada dia mais raros. A dificuldade aparece também na hora de trocar a agulha, ou de levar o toca-discos para o concerto. (Jornal da Tarde, 22/10/98, p. 1C)

- a) Tendo em vista que no texto acima falta paralelismo sintático, reescreva-o em um só período, mantendo o mesmo sentido e fazendo as alterações necessários para que o paralelismo se estabeleça.
- b) Justifique as alterações efetuadas.

18) (ENEM-2007) Antigamente Acontecia o indivíduo apanhar constipação; ficando perrengue, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à botica para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a phtísica, feia era o gálico. Antigamente, os sobrados tinham assombranças, os meninos, lombrigas (...)
Carlos Drummond de Andrade. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, p. 1.184.

O texto acima está escrito em linguagem de uma época passada. Observe uma outra versão, em linguagem atual.

Antigamente Acontecia o indivíduo apanhar um resfriado; ficando mal, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à farmácia para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a tuberculose, feia era a sífilis. Antigamente, os sobrados tinham assombranças, os meninos, vermes (...)

Comparando-se esses dois textos, verifica-se que, na segunda versão, houve mudanças relativas a

- a) vocabulário.
- b) construções sintáticas.
- c) pontuação.
- d) fonética.
- e) regência verbal.

19) (Fuvest-2002) As aspas marcam o uso de uma palavra ou expressão de variedade linguística diversa da que foi usada no restante da frase em:

- a) Essa visão desemboca na busca ilimitada do lucro, na apologia do empresário privado como o "grande herói" contemporâneo.
- b) Pude ver a obra de Machado de Assis de vários ângulos, sem participar de nenhuma visão "oficialista".
- c) Nas recentes discussões sobre os "fundamentos" da economia brasileira, o governo deu ênfase ao equilíbrio fiscal.
- d) O prêmio Darwin, que "homenageia" mortes estúpidas, foi instituído em 1993.
- e) Em fazendas de Minas e Santa Catarina, quem aprecia o campo pode curtir o frio, ouvindo "causos" à beira da fogueira.

20) (IME-1996) AS CARIDADES ODIOSAS

Foi uma tarde de sensibilidade ou de suscetibilidade? Eu passava pela rua depressa, emaranhada nos meus pensamentos, como às vezes acontece. Foi quando meu vestido me reteve: alguma coisa enganchara na minha saia. Voltei-me e vi que se tratava de uma mão pequena e escura. Pertencia a um menino a que a sujeira e o sangue interno davam um tom quente de pele. O menino estava de pé no degrau da grande confeitaria. Seus olhos, mais do que suas palavras meio engolidas, informavam-me de sua paciente aflição. Paciente demais. Percebi vagamente um pedido, antes de compreender o seu sentido concreto. Um pouco aturdida eu o olhava, ainda em dúvida se fora a mão da criança que me ceifara os pensamentos.

- Um doce, moça, compre um doce para mim. Acordei finalmente. O que estivera eu pensando antes de encontrar o menino? O fato é que o pedido deste pareceu cumular uma lacuna, dar uma resposta que podia servir para qualquer pergunta, assim como uma grande chuva pode matar a sede de quem queria uns goles de água. Sem olhar para os lados, por pudor talvez, sem querer espiar as mesas da confeitaria onde possivelmente algum conhecido tomava sorvete, entrei, fui ao balcão e disse com uma dureza que só Deus sabe explicar: um doce para o menino.

De que tinha eu medo? Eu não olhava a criança, queria que a cena, humilhante para mim terminasse logo.

Perguntei-lhe: que doce você...

Antes de terminar, o menino disse apontando depressa com o dedo: aquelezinho ali, com chocolate por cima. Por

um instante perplexa, eu me recompus logo e ordenei, com aspereza, à caixeira que o servisse.

- Que outro doce você quer? perguntei ao menino escuro. Este, que mexendo as mãos e a boca ainda esperava com ansiedade pelo primeiro, interrompeu-se, olhou-me um instante e disse com delicadeza insuportável, mostrando os dentes: não precisa de outro não. Ele poupava a minha bondade.

- Precisa sim, cortei eu ofegante, empurrando-o para frente. O menino hesitou e disse: aquele amarelo de ovo. Recebeu um doce em cada mão, levantando as duas acima da cabeça, com medo talvez de apertá-los. Mesmo os doces estavam tão acima do menino escuro. E foi sem olhar para mim que ele, mais do que foi embora, fugiu. A caixeira olhava tudo:

-Final uma alma caridosa apareceu. Esse menino estava nesta porta há mais de uma hora, puxando todas as pessoas que passavam, mas ninguém quis dar. Fui embora, com o rosto corada de vergonha. De vergonha mesmo? Era inútil querer voltar aos pensamentos anteriores. Eu estava cheia de um sentimento de amor, gratidão, revolta e vergonha. Mas, como se costuma dizer, o Sol parecia brilhar com mais força. Eu tivera a oportunidade de... E para isso fora necessário um menino magro e escuro... E para isso fora necessário que outros não lhe tivessem dado um doce.

E as pessoas que tomavam sorvete? Agora, o que eu queria saber com autocrueldade era o seguinte: temera que os outros me vissem ou que os outros não me vissem? O fato é que, quando atravessasse a rua, o que teria sido piedade já se estrangulava sob outro sentimento. E, agora sozinha, meus pensamentos voltaram lentamente a ser os anteriores, só que inúteis.

"Ele poupava a minha bondade", no texto. Que atitude do menino levou a narradora a essa constatação?

21) (Fatec-2002) AS COUSAS DO MUNDO

Neste mundo é mais rico o que mais rapa:
Quem mais limpo se faz, tem mais carepa;
Com sua língua, ao nobre o vil decepa:
O velhaco maior sempre tem capa.

Mostra o patife da nobreza o mapa:
Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;
Quem menos falar pode, mais increpa:
Quem dinheiro tiver, pode ser Papa.

A flor baixa se inculca por tulipa; Bengala
hoje na mão, ontem garlopa, Mais isento
se mostra o que mais chupa.

Para a tropa do trapo vazo a tripa
E mais não digo, porque a Musa topa
Em apa, epa, ipa, opa, upa.

(Gregório de Matos Guerra, **Seleção de Obras Poéticas**)

Devido quer aos hábitos lingüísticos quer às preferências literárias de sua época, o autor vale-se de algumas palavras e expressões que poderiam ser "traduzidas" para uma forma contemporânea e mais corrente. Assinale a alternativa em que aparece o equivalente de sentido adequado ao contexto:

- a) "[...] ao nobre o vil decepa" = o nobre corta o mal pela raiz.
- b) "[...] é mais rico o que mais rapa" = é tanto mais rico aquele que rouba mais.
- c) "Quem mais limpo se faz, tem mais carepa" = quem mais se limpa, mais perde cabelos.
- d) "O velhaco maior sempre tem capa" = idosos têm mais necessidade de agasalho.
- e) "A flor baixa se inculca por tulipa" = a flor rasteira teima em crescer mais alto.

22) (ENEM-2005) As dimensões continentais do Brasil são objeto de reflexões expressas em diferentes linguagens. Esse tema aparece no seguinte poema:

"(...)
Que importa que uns falem mole descansado
Que os cariocas arranhem os erres na garganta
Que os capixabas e paroaras escancarem as vogais?
Que tem se o quinhentos réis meridional
Vira cinco tostões do Rio pro Norte?
Junto formamos este assombro de misérias e grandezas,
Brasil, nome de vegeta! (...)"
(Mário de Andrade. Poesias completas. 6. ed. São Paulo: Martins Editora, 1980.)

O texto poético ora reproduzido trata das diferenças brasileiras no âmbito

- a) étnico e religioso.
- b) lingüístico e econômico.
- c) racial e folclórico.
- d) histórico e geográfico.
- e) literário e popular.

23) (ITA-2000) Assinale a opção em que a manchete de jornal está mais em acordo com os cânones da "objetividade jornalística":

- a) O mestre do samba volta em grande forma *O Estado de S. Paulo*, 17/7/1999.)
- b) O pior do sertão na festa dos 500 anos (*O Estado de S. Paulo*, 17/7/1999.)
- c) Proteína direciona células no cérebro (*Folha de S. Paulo*, 24/7/1999.)
- d) A farra dos juros saiu mais cara que a da casa própria (*Folha de S. Paulo*, 13/6/1999.)
- e) Dono de telas "falsas" diz existir "armação" *O Estado de S. Paulo*, 21/7/1999.)

24) (UEPB-2006) Assinale o item que encerra linguagem exclusivamente padrão:

a) “No Brasil já existe uma alface que pode servir de vacina contra a leishmaniose, doença que contamina 12 milhões de pessoas por ano em todo o planeta.”

(Veja, n. 20, ano 38, 18/05/05)

b) Xiiiiiii Acabei de enviar o e-mail pra todo mundo. E agora?

ESSA ERA JÁ ERA.

(Publicidade - Veja, n. 20, ano 38, 18/05/05)

c) A sua é escalar o Himalaia?

A sua é dropar Fernando de Noronha?

A sua é o Terra.

(Publicidade - Veja, n. 20, ano 38, 18/05/05)

d) “Equador, do jornalista, romancista e tevê-man português Miguel Sousa Tavares, já vendeu mis exemplares.”

(Millôr - Veja, n. 20, ano 38, 18/05/05)

e) “Quando eu disse que era para cortar os pulsos, eu tava falando da conta telefônica.”

(Veja, n. 20, ano 38, 18/05/05)

25) (FGV-2004) Caetano Veloso acaba de gravar uma canção, do filme Lisbela e o Prisioneiro. Trata-se de Você não me ensinou a te esquecer. A propósito do título da canção,

pode-se dizer que:

a) A regra da uniformidade do tratamento é respeitada, e o estilo da frase revela a linguagem regional do autor.

b) O desrespeito à norma sempre revela falta de conhecimento do idioma; nesse caso não é diferente.

c) O correto seria dizer Você não me ensinou a lhe esquecer.

d) Não deveria ocorrer a preposição nessa frase, já que o verbo ensinar é transitivo direto.

e) Desrespeita-se a regra da uniformidade de tratamento. Com isso, o estilo da frase acaba por aproximar-se do da fala.

26) (UFV-2005) Cair no vestibular é muito mais do que um escritor menos-que-perfeito pode aspirar na vida.

Escritores menos-que-perfeitos, caso você não saiba, são aqueles que se negam a usar a forma sintética do mais-que-perfeito. Um escritor menos-que-perfeito jamais “fizera”, nunca “ouvira” e em hipótese nenhuma “falara”. E no Brasil, se você é um sujeito que “escrevera”, você é respeitado; mas, se você apenas “tinha escrito”, então você não é nada, e só cai no vestibular por engano. (FREIRE, Ricardo. Xongas. **Época**. São Paulo, 28 jun 2004.)

a) No texto, o autor distingue escritores menos-que-perfeitos de escritores mais-que-perfeitos. Por que o autor se define como um escritor menos-que-perfeito? Que justificativa o autor teria para optar por uma forma verbal coloquialmente mais simples?

b) “Cair no vestibular é muito mais do que um escritor menos-que-perfeito pode aspirar na vida.”

Explique o emprego do termo **aspirar** no fragmento acima.

27) (Mack-2007) Certa vez, chamaram minha atenção para um erro de português no samba Comprimido. É a crônica de um sujeito que briga com a mulher. Ela dá uma dentada nele, que resolve deixar a marca para provar a agressão. Ganhou esse nome para enfatizar a idéia de que o indivíduo estava “pressionado”, a ponto de tomar um comprimido e morrer. Lá pelo fim do texto, há o erro: “Noite de samba/ Noite comum de novela/ Ele chegou/ Pedindo um copo d’água/ Pra tomar um comprimido/ Depois cambaleando/ Foi pro quarto/ E se deitou/ Era tarde demais/ Quando ela percebeu que ele se envenenou”. Então me deram um toque. Aí, tentei mudar. Nada encaixava. Um **dese**pero. Aí decidi deixar assim, com erro mesmo. Nunca reclamaram.

Adaptado de entrevista de Paulinho da Viola

O texto permite afirmar, com correção, que

a) há um contraste entre o nível de linguagem do relato e o da canção; nesta, o autor usa de maior informalidade.

b) a entrevista apresenta, como marca de oralidade, o uso de aí (linhas 10 e 11) para conectar partes da narrativa.

c) a letra de Comprimido apresenta diversos deslizes em relação à concordância.

d) a inversão da ordem comum nas frases que compõem os versos de Comprimido serve para criar suspense em relação ao desfecho da história.

e) o entrevistado relata o que lhe aconteceu certa vez dispondo os fatos em ordem cronológica, sem fazer uso de interrupções, explicações ou comentários.

28) (UEPB-2006) Com base nos textos da questão anterior, seria apropriado, portanto, afirmar:

a) Expressões como JÁ ERA, A SUA, MIS e TAVA são inadmissíveis em textos de divulgação.

b) Os meios de comunicação estão cada vez mais desprezando a linguagem correta, usando gírias e outros vícios de linguagem.

c) O uso de gírias pela mídia contribui para as deformações constantes que se observam na língua portuguesa.

d) Os usos da língua estão estreitamente ligados a sua função social.

e) Expressões como JÁ ERA, A SUA, MIS e TAVA provam o analfabetismo de nossa população.

29) (UNIFESP-2005) Considere as afirmações:



(Veja, 12.05.2004.)

- I. Os pronomes sua e seu referem-se ao receptor da mensagem, que pode ser uma pessoa do sexo masculino ou do sexo feminino.
- II. Se a conjunção Quando fosse substituída por Se, os verbos teriam outra flexão.
- III. Embora possua classificação gramatical diferente da conjunção Quando, Se poderia configurar na propaganda, pois apresentaria a idéia de forma coerente.
- IV. Num nível de linguagem bastante informal, a última frase poderia assumir a seguinte forma: "Facinho agradar sua mãe, né?"

Estão corretas somente as afirmações:

- a) I e II.
- b) II e IV.
- c) III e IV.
- d) I, II e III.
- e) I, III e IV.

30) (UFSC-2006) Dentre as proposições abaixo, algumas ferem a norma padrão. Assinale aquelas que **não apresentam desvio** gramatical.

01. Se todos houvessem seguido as normas, não haveria tantas reclamações.
02. O desrespeito à natureza é tanto que, naquele lugar, já não existem animais daquela espécie.
04. Havia apenas uma saída para o problema, mas outros poderiam haver caso analisássemos o problema com mais calma.
08. O desafio que me refiro implica em fazer escolhas.
16. Restabelecer-se-iam, de imediato, as ligações, se houvessem técnicos de plantão.
32. Hão de trazer o que me prometeram! Ora, se não!

31) (UFPB-2006) Em algumas narrativas da obra *Oito contos de amor*, de Lygia Fagundes Telles, a sondagem psicológica das personagens se realiza através do uso do **fluxo de consciência**, técnica narrativa que introduz inovações na prosa moderna. Identifique a(s) proposição(ões) verdadeira(s), relativa(s) ao uso dessa técnica:

01. As fronteiras entre passado e presente, realidade e imaginação são bem delimitadas.
02. Os acontecimentos aparecem em ordem cronológica e se passam apenas no plano da realidade.
04. Os momentos de vivência interior dos personagens são explorados, misturando-se realidade e fantasia.
08. Os fatos são apresentados em uma ordem linear, ocorrendo uma distinção entre presente e passado.
16. A seqüência lógica dos acontecimentos se perde, permitindo o curso livre dos pensamentos dos personagens.

A soma dos valores atribuídos à(s) proposição(ões) verdadeira(s) é igual a

32) (FGV-2001) Em cada um dos períodos abaixo, há palavras ou expressões cujo emprego os gramáticos recomendam evitar. Identifique essas palavras ou expressões e transcreva os períodos, fazendo as substituições adequadas.

- a) A nível de eficiência, ele é ótimo.
- b) Este funcionário não se adéqua ao perfil da empresa.
- c) Durante a entrevista, ele colocou que a questão salarial seria adiada.
- d) Na próxima semana, vamos estar enviando nosso programa de atividades a todos os associados.

33) (UFES-2002) Em meio a opiniões favoráveis ou contrárias aos estrangeirismos, o uso de palavras de outras línguas, como se observa na tirinha abaixo, é corrente no português do Brasil.



Çiça. *O pato*. In: Hiron Cardoso Goidanich. *Enciclopédia dos quadrinhos*. Porto Alegre: L&PM, 1990: 118.

Assinale a alternativa que NÃO contém estrangeirismo:

- a) “[...] Era impressionante o seu **mister** de busca incessante de recursos para construir o novo prédio e depois para continuar de pé aquela importante obra.” (Alencar Garcia de Freitas, A Gazeta - 6/8/2001)
- b) “[...] Em dezembro de 1998 o quadro mundial era mais tenso [...] e o Brasil conseguiu US\$ 41 bilhões do fundo e de um **pool** de bancos.” (Ângelo Passos, A Gazeta - 6/8/2001)
- c) “[...] A crise ganha **status** de vírus letal, contra o qual não há remédio e cura.” (Milton Mira Assumpção, A Gazeta - 22/8/2001)
- d) “[...] O momento da eleição, longe de ser motivo de reflexão, de troca de idéias entre os eleitores [...] transforma-se num grande **show**.” (Sérgio Fonseca, A Gazeta - 2/9/2001)
- e) “[...] No mesmo período, o sistema portuário do Estado ocupou segundo lugar no **ranking** nacional em valor de produtos embarcados.” (A Gazeta - 4/9/2001)

34) (Fuvest-2003) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:

- a) Confira as receitas incríveis preparadas para você. Clica aqui!
- b) Mostra que você tem bom coração. Contribua para a campanha do agasalho!
- c) Cura-te a ti mesmo e seja feliz!
- d) Não subestime o consumidor. Venda produtos de boa procedência.
- e) Em caso de acidente, não siga viagem. Pede o apoio de um policial.

35) (Fuvest-2003) Eu te amo
Ah, se já perdemos a noção da hora,
Se juntos já jogamos tudo fora,
Me conta agora como hei de partir...

Se, ao te conhecer, dei pra sonhar, fiz tantos desvarios,
Rompi com o mundo, queimei meus navios,
Me diz pra onde é que inda posso ir...
(...)

Se entornaste a nossa sorte pelo chão,
Se na bagunça do teu coração
Meu sangue errou de veia e se perdeu...
(...)

Como, se nos amamos como dois pagãos,
Teus seios inda estão nas minhas mãos,
Me explica com que cara eu vou sair...

Não, acho que estás só fazendo de conta,
Te dei meus olhos pra tomares conta,
Agora conta como hei de partir...
(Tom Jobim - Chico Buarque)

Neste texto, em que predomina a linguagem culta, ocorre também a seguinte marca da linguagem coloquial:

- a) emprego de hei no lugar de tenho.

- b) falta de concordância quanto à pessoa nas formas verbais estás, tomares e conta.
- c) emprego de verbos predominantemente na segunda pessoa do singular.
- d) redundância semântica, pelo emprego repetido da palavra conta na última estrofe.
- e) emprego das palavras bagunça e cara.

36) (Unicamp-2005) Foi no tempo em que a Bandeirantes recém-inaugurara suas novas instalações no Morumbi. Não havia transporte público até o nosso local de trabalho, e a direção da casa organizou um serviço com viaturas próprias. (...) Paraná era um dos motoristas. (...) Numa das subidas para o Morumbi “fechou” sem nenhuma maldade um automóvel. O cidadão que o dirigia estava com os filhos, era diretor do São Paulo F.C., e largou o verbo em cima do pobre do Paraná. Que respondeu à altura. Logo depois que a perua chegou ao Morumbi, todo mundo de ponto batido, o automóvel pára em frente da porta dos funcionários, e o seu condutor desce bufando: “Onde está o motorista dessa perua? (e lá vinha chegando o Paraná). Você me ofendeu na frente dos meus filhos. Não tem o direito de agir dessa forma, me chamar do nome que me chamou. Vou falar ao João Saad, que é meu amigo!”

E o Paraná, já fuzilando, dedo em riste, tonitruou em seu sotaque mais que explícito: “Le” chamei e “le” chamo de novo... veado ... veado ... Não houve reação da parte ofendida.

(Flávio Araújo, O rádio, o futebol e a vida. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001, p. 50-1).

- a) Na seqüência “(...) e largou o verbo em cima do pobre do Paraná. Que respondeu à altura”, se trocarmos o ponto final que aparece depois de ‘Paraná’ por uma vírgula, ocorrem mudanças na leitura? Justifique.
- b) O trecho da resposta de Paraná “Le chamei e le chamo de novo ...” chama a atenção do leitor para a sintaxe da língua. Explique.
- c) Substitua ‘tonitruou’ por outra palavra ou expressão.

37) (UFSCar-2002) Frequentemente se lê sobre falar e escrever como necessidades do ser humano. Do ponto de vista acadêmico e profissional, por exemplo, são competências que podem garantir sucesso a muitas pessoas.

O que é importante para falar e escrever com competência, ou seja, de forma que as intenções de comunicação dos indivíduos sejam plenamente satisfeitas de acordo com a situação com que se defrontam? Leia os textos a seguir e, depois, a proposta de redação.

Texto 1

No grupo escolar

Eu vou agora descrever o jeito como se ensinava “linguagem”. Era o jeito como se aprendia a ler, a escrever e a redigir na escola pública e na particular.

Já podemos falar de um "era uma vez" um mundo em que a professora primária era levada a sério, por isso ela não media esforços em ensinar seus alunos. Nesse tempo, nos boletins, além da nota de linguagem, aritmética e conteúdos, existia nota de ordem, aplicação e comportamento. Só por aí já vemos que capricho, atenção e modos respeitosos já foram valores a merecer menção. (...)

No ensino de linguagem, a escrita se fazia por meio de cópia, ditado, descrição e composição. Em geral, a professora escrevia no quadro-negro, e os alunos copiavam, e essa cópia era depois religiosamente corrigida pela professora. Copiar é ver e repetir o que se viu. (...) Essa é uma etapa importante, em que se mistura o ler com o escrever.

Já o ditado, pavor das criancinhas recém-alfabetizadas, pede outras aptidões. Escuta-se e transforma-se o som em símbolos gráficos da escrita de que a cópia nos dá o domínio. Automatizar esse processo exige mais tarefas de nosso sistema nervoso. E os ditados também eram corrigidos um a um.

Já sabemos escrever o que vemos (cópia) e sabemos escrever o que ouvimos (ditado). É chegada a hora de escrever o que percebemos. Agora já cabe a quem escrever o ritmo e a respiração, isto é, criar o texto que, na cópia e no ditado, vinham prontos. Cada sala de aula tinha um caderno enorme com desenhos que os alunos tinham de colocar em palavras. Só depois vinham as composições. Para tanto, precisávamos ser capazes de realizar todas as aptidões desenvolvidas nas outras etapas. Por termos praticado a transposição de vários estímulos para a escrita, podíamos, finalmente, transpor também desejos, esperanças e fantasias. Isto é, sentimentos ou, sendo mais específica, subjetividade. Se faremos isso pobremente ou genialmente, depende em parte do exercitar-se e, em parte, das quantidades de que dispomos de cada uma dessas aptidões, da importância que o comunicar-se tem no meio social em que a criatura vive etc. etc. (...) E depois das composições praticávamos cartas, relatórios, tudo lá no curso primário do grupo escolar onde as professoras eram muitíssimo respeitadas e corrigiam, reviam, ensinavam.

Ainda bem que o computador trouxe de volta a importância da escrita, e por isso vale a pena lembrar como se fazia no tempo em que mal-e-mal em alguns escritórios algumas pessoas escreviam a máquina, mas todos tinham de ter uma letra legível. A caligrafia parece, de momento, fora do campo das utilidades e a escrita não. Mas ela voltará.

(...) Não é porque sabemos escrever complexos relatos que deixamos de precisar saber fazer cópia, ditado e descrição. Como passar um procedimento se não soubermos descrever, por exemplo? A escrita está em todos os lugares do nosso cotidiano moderno. E seu ensino ficou precário ao privilegiar a criação em detrimento da precisão. ("Equilíbrio", Folha de S. Paulo, 20.09.2001.)

Texto 2

A dificuldade com a clareza é um traço cultural no Brasil. "Num país com tantas carências educacionais, falar de maneira rebuscada é indicador de status, mesmo que o falante não esteja dizendo coisa com coisa", afirma o professor Francisco Platão Savioli, da Universidade de São Paulo. Esse amor pelas palavras difíceis tem origem na época da transição do Império para a República, no fim do século XIX. Conforme explica Sérgio Buarque de Holanda, em seu clássico Raízes do Brasil, com o advento da República o curso superior passou a ser o principal parâmetro de reconhecimento social. Na época, estavam em voga as escolas de direito. Assim, para ser alguém na sociedade daquele tempo, era necessário não apenas ser advogado, mas também falar como advogado. É daí que surge, segundo Sérgio Buarque, a linguagem bacharelesca. Esse estilo floresceu no começo do século XX e, a partir do modernismo, seu prestígio foi decaindo. O português empolado persiste, no entanto, até hoje, em formas degeneradas. Uma delas é o chamado "burocratês", a linguagem dos memorandos das empresas, nos quais mesmo para solicitar uma caixa de cliques são necessárias várias saudações e salamaleques. Outra é a retórica de parte dos políticos. O linguajar pomposo também sobrevive nas teses acadêmicas e, como era de esperar, no discurso dos advogados.

(...)

A dificuldade do brasileiro em falar e escrever de forma a se fazer entender não é apenas consequência da tradição bacharelesca. Há outros fatores. Para começar, lê-se pouco no Brasil. A Câmara Brasileira do Livro divulgou recentemente um estudo que mostra que, na verdade, os brasileiros lêem em média apenas 1,2 livro por ano. Não cultivar a leitura é um desastre para quem deseja expressar-se bem. Ela é condição essencial para melhorar a linguagem oral e escrita. Quem lê interioriza as regras gramaticais básicas e aprende a organizar o pensamento. (Veja, 07.11.2001, pág. 108-9.)

Texto 3

Quatro ou cinco grupos diferentes de alunos do Farroupilhas estiveram lá em casa numa mesma missão, designada por seu professor de Português: saber se eu considerava o estudo da Gramática indispensável para aprender e usar a nossa ou qualquer outra língua. (...)

Respondi que a linguagem, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e que deve ser julgada exclusivamente como tal. Respeitadas algumas regras básicas da Gramática, para evitar os vexames mais gritantes, as outras são dispensáveis. A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo.

(...)

E adverti que minha implicância com a Gramática na certa se devia à minha pouca intimidade com ela. Sempre fui péssimo em Português. Mas - isso eu disse - vejam vocês, a

intimidade com a Gramática é tão indispensável que eu ganho a vida escrevendo, apesar da minha total inocência na matéria.

(Luís Fernando Veríssimo. O gigolô das palavras.)

Baseando-se nos textos apresentados e valendo-se de outras informações de seu domínio, elabore um texto dissertativo em que seja analisada a questão:

OS PRINCÍPIOS BÁSICOS QUE DEFINEM O BOM USO DA LÍNGUA.

38) (Vunesp-2003) INSTRUÇÃO: A questão abaixo toma por base um fragmento da crônica *Conversa de Bastidores*, do ficcionista brasileiro Graciliano Ramos (1892-1953), e um trecho da narrativa *O Burrinho Pedrês*, do ficcionista brasileiro João Guimarães Rosa (1908-1967).

Conversa de Bastidores

[...]

Em fim de 1944, Ildefonso Falcão, aqui de passagem, apresentou-me J. Guimarães Rosa, secretário de embaixada, recém-chegado da Europa.

- O senhor figurou num júri que julgou um livro meu em 1938.

- Como era o seu pseudônimo?

- Viator.

- Ah! O senhor é o médico mineiro que andei procurando. Ildefonso Falcão ignorava que Rosa fosse médico, mineiro e literato. Fiz camaradagem rápida com o secretário de embaixada.

- Sabe que votei contra o seu livro?

- Sei, respondeu-me sem nenhum ressentimento. Achando-me diante de uma inteligência livre de mesquinhez, estendi-me sobre os defeitos que guardara na memória. Rosa concordou comigo. Havia suprimido os contos mais fracos. E emendara os restantes, vagaroso, alheio aos futuros leitores e à crítica. [...]

Vejo agora, relendo Sagarana (Editora Universal - Rio - 1946), que o volume de quinhentas páginas emagreceu bastante e muita consistência ganhou em longa e paciente depuração. Eliminaram-se três histórias, capinaram-se diversas coisas nocivas. As partes boas se aperfeiçoaram: *O Burrinho Pedrês*, *A Volta do Marido Pródigo*, *Duelo*, *Corpo Fechado*, sobretudo *Hora e Vez de Augusto Matraga*, que me faz desejar ver Rosa dedicar-se ao romance. Achariam aí campo mais vasto as suas admiráveis qualidades: a vigilância na observação, que o leva a não desprezar minúcias na aparência insignificante, uma honestidade quase mórbida ao reproduzir os fatos. Já em 1938 eu havia atentado nesse rigor, indicara a Prudente de Moraes numerosos versos para efeito onomatopaico intercalados na prosa. [...]

A arte de Rosa é terrivelmente difícil. Esse antimodernista repele o improvisado. Com imenso esforço escolhe palavras simples e nos dá impressão de vida numa nesga de

caatinga, num gesto de caboclo, uma conversa cheia de provérbios matutos.

O seu diálogo é rebuscadamente natural: desdenha o recurso ingênuo de cortar ss, ll e rr finais, deturpar flexões, e aproximar-se, tanto quanto possível, da língua do interior.

Devo acrescentar que Rosa é um animalista notável: fervilham bichos no livro, não convenções de apólogo, mas irracionais, direitos exibidos com peladuras, esparavões e os necessários movimentos de orelha e de rabos. Talvez o hábito de examinar essas criaturas haja aconselhado o meu amigo a trabalhar com lentidão bovina.

Certamente ele fará um romance, romance que não lerei, pois, se for começado agora, estará pronto em 1956, quando os meus ossos começarem a esfarelar-se.

(Graciliano Ramos, *Conversa de bastidores*. In: *Linhas tortas*)

O Burrinho Pedrês

[...]

Nenhum perigo, por ora, com os dois lados da estrada tapados pelas cercas. Mas o gado gordo, na marcha contraída, se desordena em turbulências. Ainda não abaixaram as cabeças, e o trote é duro, sob vez de aguilhoadas e gritos.

- Mais depressa, é para esmoer?! - ralha o Major. - Boiada boa!...

Galhudos, gaiolos, estrelos, espácios, combucos, cubetos, lobunos, lompardos, caldeiros, cambraias, chamurros, churriados, corombos, cornetos, bocalvos, borralhos, chumbados, chitados, vareiros, silveiros... E os tocos da testa do mocho macheado, e as armas antigas do boi cornalão...

- P'ra trás, boi-vaca!

- Repele Juca... Viu a brabeza dos olhos? Vai com sangue no cangote...

- Só ruindade e mais ruindade, de em-desde o redemunho da testa até na volta da pá! Este eu não vou perder de olho, que ele é boi espirrador...

Apuram o passo, por entre campinas ricas, onde pastam ou ruminam outros mil e mais bois. Mas os vaqueiros não esmorecem nos eias e cantigas, porque a boiada ainda tem passagens inquietantes: alarga-se e recomprime-se, sem motivo, e mesmo dentro da multidão movediça há giros estranhos, que não os deslocamentos normais do gado em marcha - quando sempre alguns disputam a colocação na vanguarda, outros procuram o centro, e muitos se deixam levar, empurrados, sobrenadando quase, com os mais fracos rolando para os lados e os mais pesados tardando para trás, no coice da procissão.

- Eh, boi lá!... Eh-ê-ê-eh, boi!... Tou! Tou! Tou...

As ancas balançam, e as vagas de dorsos, das vacas e touros, batendo com as caudas, mugindo no meio, na massa embolada, com atritos de couros, estralos de guampas, estrondos e baques, e o berro queixoso do gado junqueira, de chifres imensos, com muita tristeza, saudade dos campos, querência dos pastos de lá do sertão...

“Um boi preto, um boi pintado,
cada um tem sua cor.
Cada coração um jeito
de mostrar o seu amor.”
Boi bem bravo, bate baixo, bota baba, boi berrando...
Dança doido, dá de duro, dá de dentro, dá direito... Vai,
vem, volta, vem na vara, vai não volta, vai varando...
“Todo passarinh’ do mato
tem seu pio diferente.
Cantiga de amor doído
não carece ter rompante...”.

Pouco a pouco, porém, os rostos se desempanam e os
homens tomam gesto de repouso nas selas, satisfeitos.
Que de trinta, trezentos ou três mil, só está quase pronta a
boiada quando as alimárias se aglutinam em bicho inteiro -
centopeia -, mesmo prestes assim para surpresas más.
(João Guimarães Rosa, O burrinho pedrês. In: Sagarana)

No artigo Conversa de Bastidores, publicado em 1946,
Graciliano Ramos revela haver votado em Maria Perigosa,
de Luís Jardim, e não em Contos, de Viator (pseudônimo
de Guimarães Rosa), no desempate final de um concurso
promovido em 1938 pela Editora José Olympio. Sem
desanimar com a derrota, Guimarães Rosa veio a publicar
seu livro, com modificações, em 1946, sob o título de
Sagarana, que o revelou como um dos maiores escritores
da modernidade no Brasil. Releia as duas passagens e, a
seguir,

a) interprete o que quer dizer Graciliano, no contexto, com
a expressão “achando-me diante de uma inteligência livre
de mesquinhez”;
b) localize, numa das cinco falas de personagens do
fragmento de Guimarães Rosa, um exemplo que confirme
a observação de Graciliano, de que o autor de Sagarana, ao
representar tais falas, “desdenha o recurso ingênuo de
cortar ss, ll e rr finais”.

39) (Enem Cancelado-2009) Iscute o que tô dizendo,

Seu dotô, seu corené:

De fome tão padecendo

Meus fio e minha muié.

Sem briga, questão nem guerra,

Meça desta grande terra

Umás tarefas pra eu!

Tenha pena do agregado

Não me dexê deserdado

PATATIVA DO ASSARE. A terra é naturá. In: Cordéis e

outros poemas.

Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008

(fragmento).

A partir da análise da linguagem utilizada no poema, infere-se que o eu lírico revela-se como falante de uma variedade linguística específica. Esse falante, em seu grupo social, e identificado como um falante

- a) escolarizado proveniente de uma metrópole.
b) sertanejo morador de uma área rural.

c) idoso que habita uma comunidade urbana.

d) escolarizado que habita uma comunidade do interior do país.

e) estrangeiro que imigrou para uma comunidade do sul do país.

40) (GV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

Briga de irmãos... Nós éramos cinco e brigávamos muito, recordou Augusto, olhos perdidos num ponto X, quase sorrindo. Isto não quer dizer que nos detestássemos. Pelo contrário. A gente gostava bastante uns dos outros e não podia viver na separação. Se um de nós ia para o colégio (era longe o colégio, a viagem se fazia a cavalo, dez léguas na estrada lamacenta, que o governo não conservava), os outros ficavam tristes uma semana. Depois esqueciam, mas a saudade do mano muitas vezes estragava o nosso banho no poço, irritava ainda mais o malogro da caça de passarinho: “Se Miguel estivesse aqui, garanto que você não deixava o tiziu fugir”, gritava Édison. “Você assustou ele falando alto... Miguel te quebrava a cara.” Miguel era o mais velho, e fora fazer o seu ginásio. Não se sabe bem por que a sua presença teria impedido a fuga do pássaro, nem ainda por que o tapa no rosto de Tito, com o tiziu já longínquo, teria remediado o acontecimento. Mas o fato é que a figura de Miguel, evocada naquele instante, embalava nosso desapontamento e de certo modo participava dele, ajudando-nos a voltar para casa de mãos vazias e a enfrentar o risinho malévolo dos Guimarães: “O que é que vocês pegaram hoje?” “Nada.” Miguel era deste tamanho, impunha-se. Além disto, sabia palavras difíceis, inclusive xingamentos, que nos deixavam de boca aberta, ao explodirem na discussão, e que decorávamos para aplicar na primeira oportunidade, em nossas brigas particulares com os meninos da rua. Realmente, Miguel fazia muita falta, embora cada um de nós trouxesse na pele a marca de sua autoridade. E pensávamos com ânsia no seu regresso, um pouco para gozar de sua companhia, outro pouco para aprender nomes feios, e bastante para descontar os socos que ele nos dera, o miserável.
Carlos Drummond de Andrade, p. 13-14. Contos de Aprendiz - A Salvação da alma. São Paulo: José Olympio, 1973.

Com frequência, a transgressão à norma culta constitui uma marca do registro coloquial da língua.

Nesses casos, parece existir, de um lado, a norma culta e, de outro, a “norma” coloquial - e esta muitas vezes se impõe socialmente, em detrimento da primeira. Um exemplo de transgressão à norma culta acontece numa das alternativas abaixo. Assinale-a.

- a) Nós éramos cinco e...
b) ... que o governo não conservava...
c) ... embora cada um de nós trouxesse na pele...

- d) Você assustou ele falando alto...
e) Se um de nós ia para o colégio...

41) (FGV-1999) Leia atentamente:

"Carlos foi com João à casa dele."

Essa frase apresenta ambigüidade? Se sim, explique o que causa esta ambigüidade e explique os dois sentidos possíveis.

42) (ENEM-2005) Leia com atenção o texto:

[Em Portugal], você poderá ter alguns probleminhas se entrar numa loja de roupas desconhecendo certas sutilezas da língua. Por exemplo, não adianta pedir para ver os ternos - peça para ver os fatos. **Paletó é casaco.**

Meias são peúgas. Suéter é camisola - mas não se assuste, porque **calcinhas femininas são cuecas.** (Não é uma delícia?)

(Ruy Castro. Viaje Bem. Ano VIII, nº- 3, 78.)

O texto destaca a diferença entre o português do Brasil e o de Portugal quanto

- a) ao vocabulário.
b) à derivação.
c) à pronúncia.
d) ao gênero.
e) à sintaxe.

43) (UFAC-1998) Leia o poema de Oswald de Andrade:

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

Das alternativas abaixo, uma não corresponde ao poema.

Marque-a.

- a) Exaltação do falar coloquial brasileiro.
b) A presença do humor.
c) A liberdade da métrica.
d) Discriminação racial.
e) Nacionalização da Língua Portuguesa .

44) (SpeedSoft-2002) Leia o seguinte texto de Jô Soares:

Português é fácil de aprender porque é uma língua que se escreve exatamente como se fala

Pois é. U português é muinto fáciu di aprender, purqui é uma língua qui a genti iscrevi ixatamente cumu si fala. Num é cumu inglês qui dá até vontadi di ri quandu a genti descobri cumu é qui si iscrevi algumas palavras. Im português não. É só prestatência. U alemão pur exemplu. Qué coisa mais doida? Num bate nada cum nada. Até nu espanhol qui é parecidu, si iscrevi muinto diferenti. Qui bom qui a minha língua é u português. Quem soubé falá sabi iscrevê.

Levando em conta o texto lido, procure explicar de maneira resumida a diferença entre língua escrita e língua falada.

45) (ITA-2003) Leia o texto a seguir.

Boleiros sob medida

Ciência e futebol é uma tabelinha raramente esboçada no Brasil. A academia não costuma eleger os gramados como objeto de estudo e o mundo dos boleiros tampouco tem o hábito de, digamos, dar bola para que os pesquisadores dizem sobre o esporte mais popular do planeta. Numa situação privilegiada nos dois campos, tanto na ciência quanto no futebol, Turíbio Leite de Barros, diretor do centro de Medicina da Atividade Física e do Esporte da Universidade Federal de São Paulo (Cemafe/Unifesp) e fisiologista da equipe do São Paulo Futebol Clube há 15 anos, produziu um estudo que traça o perfil do futebol praticado hoje no Brasil do ponto de vista das exigências físicas a que os jogadores de cada posição do time são submetidos numa partida. (MARCOS PIVETTA. Pesquisa. FAPESP, maio de 2002, p. 42)

- a) O texto contém termos do universo do futebol, como, por exemplo, "tabelinha", uma jogada rápida e entrosada normalmente entre dois jogadores. Retire do texto outras duas expressões que, embora caracterizem esse universo, também assumem outro sentido. Explique esse sentido.
b) O título pode ser considerado ambíguo devido à expressão "sob medida". Aponte dois sentidos possíveis para a expressão, relacionando-os ao conteúdo do texto.

46) (ITA-2003) Leia o texto seguinte.

"No dia 13 de agosto de 1979, dia cinzento e triste, que me causou arrepios, fui para o meu laboratório, onde, por sinal, pendurei uma tela de Bruegel, um dos meus favoritos. Lá, trabalhando com tripanossomas, e vencendo uma terrível dor de dentes..." Não. De saída tal artigo seria rejeitado, ainda que os resultados fossem soberbos. O estilo... O cientista não deve falar. É o objeto que deve falar por meio dele. Daí o estilo impessoal, vazio de emoções e valores:
Observa-se

Constata-se

Obtém-se

Conclui-se.

Quem? Não faz diferença...

(RUBEM ALVES. Filosofia da ciência. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 149)

a) Do primeiro parágrafo, que simula um artigo científico, extraia os aspectos da forma e do conteúdo que vão contra a idéia de que “o cientista não deve falar”.

b) O autor exemplifica com uma seqüência de verbos a idéia de que o estilo deve ser impessoal. Que estratégia de construção é usada para transmitir o ideal de impessoalização?

47) (Fuvest-2002) MACUMBA DE PAI ZUSÉ

Na macumba do Encantado

Nego véio pai de santo fez mandinga

No palacete de Botafogo

Sangue de branca virou água

Foram vê estava morta!

É correto afirmar que, neste poema de Manuel Bandeira,

a) emprega-se a modalidade do poema-piada, típica da década de 20, com o fim de satirizar os costumes populares.

b) usam-se os recursos sonoros (ritmo e metro regulares, redondilha menor) para representar a cultura branca, e os recursos visuais (imagens, cores), para caracterizar a religião afro-brasileira.

c) mesclam-se duas variedades lingüísticas: uma que se aproxima da língua escrita culta e outra que mimetiza uma modalidade da língua oral-popular.

d) manifesta-se a contradição entre dois tipos de práticas religiosas, representadas pelas oposições negro x branco, macumba x pai de santo, nego véio x Encantado.

e) expressa-se a tendência modernista de encarar a cultura popular como manifestação do atraso nacional, a ser superado pela modernização.

48) (VUNESP-2006) Meninos carvoeiros

Os meninos carvoeiros

Passam a caminho da cidade.

— Eh, carvoero!

E vão tocando os animais com um relho enorme.

Os burros são magrinhos e velhos.

Cada um leva seis sacos de carvão de lenha.

A aniagem é toda remendada.

Os carvões caem.

(Pela boca da noite vem uma velhinha que os recolhe, dobrando-se com um gemido.)

— Eh, carvoero!

Só mesmo estas crianças raquíticas

Vão bem com estes burrinhos descadeirados.

A madrugada ingênua parece feita para eles...

Pequenina, ingênua miséria!

Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis!

— Eh, carvoero!

Quando voltam, vêm mordendo num pão encarvoado,

Encarapitados nas alimárias,

Apostando corrida,

Dançando, bamboleando nas cangalhas como espantalhos desamparados!

Petrópolis, 1921

(Manuel Bandeira, O ritmo dissoluto.)

Na terceira estrofe do texto, o enunciador alterna um acento coloquial, expresso na fala das personagens, com um registro formal, observável quando o enunciador se dirige aos meninos carvoeiros. Com base nessa afirmação,

a) selecione um verso do poema, em que existe essa aproximação com o registro coloquial, popular, explicando como se pode comprová-la;

b) relacione esse traço com as características do movimento literário ao qual se pode ligar o autor do texto.

49) (PUCCamp-1995) MEU CARO DEPUTADO

O senhor nem pode imaginar o quanto eu e a minha família ficamos agradecidos. A gente imaginava que o senhor nem ia se lembrar de nós, quando saiu a nomeação do Otavinho meu filho. Ele agora está se sentindo outro.

Só fala no senhor, diz que na próxima campanha vai trabalhar ainda mais para o senhor. No primeiro dia de serviço ele queria ir na repartição com a camiseta da campanha mas eu não deixei, não ia ficar bem, apesar que eu acho que o Otavinho tem muita capacidade e merecia o emprego. Pode mandar puxar por ele que ele da conta, é trabalhador, responsável, dedicado, a educação que ele recebeu de mim e da mãe foi sempre no caminho do bem. Faça questão que na próxima eleição o senhor mande mais material que eu procuro todos os amigos e os conhecidos. O Brasil precisa de gente como o senhor, homens de reputação despojada, com quem a gente pode contar.

Meu vizinho Otacílio, a mulher, os parentes todos também votaram no senhor. Ele tem vergonha, mas eu peço por ele, que ele merece: ele tem uma sobrinha, Maria Lúcia Capistrano do Amara, que é professora em Capão da Serra e é muito adoentada, mas o serviço de saúde não quer dar aposentadoria. Posso lhe garantir que a moça está mesmo sem condições, passa a maior parte do tempo com dores no peito e na coluna que nenhum médico sabe o que é. Eu disse que ia falar com o senhor, meu caro deputado, não prometi nada, mas o Otavinho e a mulher tem esperanças que o senhor vai dar um jeitinho. É gente muito boa e amiga, o senhor não vai se arrepender.

Mais uma vez obrigado por tudo, Deus lhe pague. O Otavinho manda um abraço para o senhor. Aqui vai o nosso abraço também. O senhor pode contar sempre com a gente.

Miroel Ferreira (Miré)

Considerando-se expressões como "no caminho do bem", "trabalhador, responsável, dedicado" e "o Brasil precisa de gente como o senhor", pode-se afirmar que o remetente empregou na carta:

- a) figuras de linguagem com alguma originalidade.
- b) termos concretizantes e precisos.
- c) linguagem enraizada em vivências muito pessoais.
- d) lugares-comuns pouco definidores.
- e) fórmulas retóricas da linguagem afetiva.

50) (Unicamp-2000) Millôr Fernandes, considerado um dos maiores humoristas brasileiros, escreveu o texto "Leite, quéqué isso?" em sua coluna no *Caderno 2*, no jornal *O Estado de S. Paulo* de 22/08/99. Abaixo, está um excerto deste texto. Leia-o com atenção e responda:

Vocês, que têm mais de 15 anos, se lembram quando a gente comprava leite em garrafa, na leiteria da esquina? Lembram mais longe, quando a vaca-leiteira, que não era vaca coisa nenhuma, era uma caminhonete-depósito, vinha vender leite na porta de casa? Lembram mais longe ainda, quando a gente ia comprar leite no estábulo e tinha aquele cheiro forte de bicho, de bosta e de mijo, que a gente achava nojento e só foi achar genial quando aprendeu que aquilo tudo era ecológico? Lembra bem mais longe ainda, quando a gente mesmo criava a vaca e pegava nos peitinhos dela pra tirar o leite dos filhinhos dela, com muito jeito pra ela não nos dar uma cipoada? Mas vocês não lembram de nada, pô! Vai ver nem sabem o que é vaca. Nem o que é leite. Estou falando disso porque agora mesmo peguei um pacote de leite - leite em pacote, imagina, Tereza! - na porta dos fundos e estava escrito que é pausterizado, ou pasteurizado, sei lá, tem vitamina, é garantido pela embromatologia, foi enriquecido e o escambau.

- a) a palavra "embromatologia" soa como um termo técnico, mas não é. Diga por que parece e por que não é.
- b) o texto mostra que a moda pode afetar nossos gostos. Em que passagem?
- c) as informações técnicas que acompanham muitos produtos não necessariamente esclarecem o consumidor, mas impressionam. Transcreva a passagem do texto em que o autor alude a tal problema nesses textos.

51) (ENEM-2001) Murilo Mendes, em um de seus poemas, dialoga com a carta de Pero Vaz de Caminha:

*"A terra é mui graciosa,
Tão fértil eu nunca vi.
A gente vai passear,
No chão espeta um caniço,
No dia seguinte nasce
Bengala de castão de oiro.
Tem goiabas, melancias,
Banana que nem chuchu.
Quanto aos bichos, tem-nos muito,*

*De plumagens mui vistosas.
Tem macaco até demais
Diamantes tem à vontade
Esmeralda é para os trouxas.
Reforçai, Senhor, a arca,
Cruzados não faltarão,
Vossa perna encanareis,
Salvo o devido respeito.
Ficarei muito saudoso
Se for embora daqui".*

MENDES, Murilo. *Murilo Mendes - poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Arcaísmos e termos coloquiais misturam-se nesse poema, criando um efeito de contraste, como ocorre em:

- a) A terra é mui graciosa / Tem macaco até demais
- b) Salvo o devido respeito / Reforçai, Senhor, a arca
- c) A gente vai passear / Ficarei muito saudoso
- d) De plumagens mui vistosas / Bengala de castão de oiro
- e) No chão espeta um caniço / Diamantes tem à vontade

52) (PUC-RS-2001) Não vai dar certo

Outro dia, dois cientistas americanos apresentaram um pedido ao Serviço de Marcas e Patentes dos Estados Unidos para registrar uma criatura que estão produzindo em laboratório. **A tal criatura** seria uma mistura de homem com animal. Não se sabe direito que animal é este, mas deram a entender que tanto pode ser um macaco como um camundongo.

É fácil imaginar um homem-macaco. Afinal, todos nós, no passado, já protagonizamos **essa dobradinha**. E nem faz tanto tempo. Conheço gente que ainda se lembra de quando **o avô desceu da árvore**. (...) Já cruzamento de um homem com um camundongo é mais difícil de visualizar. O único parâmetro conhecido é o Mickey, o rato mais bem-sucedido da história. Em cima dele, construiu-se um império que é, na verdade, uma ratoeira humana (...). A idéia de cruzar artificialmente seres humanos com animais não é nova. Já foi imaginada no começo do século pelo inglês H.G.Wells, em *A Ilha do Dr. Moreau* e, nos anos 50, pelo americano James Clavell, em *A Mosca da Cabeça Branca*. Ambas as histórias renderam vários filmes. Em todos eles, a parte humana levou um baita prejuízo. No filme do homem que virou mosca, o pobre Vincent Price ficou desesperado porque, com seu **corpinho** de mosca, não conseguia chamar a atenção de sua mulher, para que esta o fizesse voltar ao normal. E olhe que ele foi o cientista que resolveu fazer a experiência. Boa idéia. O ideal seria se os dois cientistas se oferecessem como cobaias de suas experiências. Um cruzaria o outro com o macaco. E o outro cruzaria o um com o camundongo. Ruy Castro Manchete, 19/04/98 (adaptado)

Se as expressões "Outro dia", "A tal criatura", "dobradinha" e "corpinho", características da linguagem coloquial, fossem substituídas por expressões do

português culto formal, sem alteração básica no significado, seria correto utilizar, respectivamente,

- a) Uma vez - a experiência - par - figura diminuta
- b) Dia desses - este monstro - dualidade - corpo minúsculo
- c) Certo dia - o experimento - dupla - silhueta pequena
- d) Há pouco tempo - o resultado - casal - corpete
- e) Recentemente - esse ser - parceria - corpúsculo

53) (PUC-SP-2005) Nas orações a seguir, as expressões coloquiais sublinhadas podem ser substituídas por sinônimas.

"... e beijava tudo que era mulher que passasse dando sopa."

"... que o Papa de araque..."

"... numa homenagem também aos salgueirenses que, no Carnaval de 1967, entraram pelo cano."

Indique que opção equivale, do ponto de vista do sentido, a essas expressões:

- a) descuidando, falso, deram-se mal.
- b) reclamando, falso, obstruíram-se.
- c) descuidando, esperto, saíram-se vitoriosos.
- d) reclamando, falso, deram-se mal.
- e) descuidando, esperto, obstruíram-se.

54) (Fuvest-2004) No conto A hora e vez de Augusto Matraga, de Guimarães Rosa, o protagonista é um homem rude e cruel, que sofre violenta surra de capangas inimigos e é abandonado como morto, num brejo.

Recolhido por um casal de matutos, Matraga passa por um lento e doloroso processo de recuperação, em meio ao qual recebe a visita de um padre, com quem estabelece o seguinte diálogo:

- Mas, será que Deus vai ter pena de mim, com tanta ruindade que fiz, e tendo nas costas tanto pecado mortal?

- Tem, meu filho. Deus mede a espora pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum... (...) Sua vida foi entortada no verde, mas não fique triste, de modo nenhum, porque a tristeza é aboio de chamar demônio, e o Reino do Céu, que é o que vale, ninguém tira de sua algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus, que ele não regateia a nenhum coração contrito.

- a) A linguagem figurada amplamente empregada pelo padre é adequada ao seu interlocutor? Justifique sua resposta.
- b) Transcreva uma frase do texto que tenha sentido equivalente ao da frase não regateia a nenhum coração contrito.

55) (ENEM-2006) No romance Vidas Secas, de Graciliano Ramos, o vaqueiro Fabiano encontra-se com o patrão para receber o salário. Eis parte da cena:

Não se conformou: devia haver engano. (...)

Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a

vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria?

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Ai Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não.

Graciliano Ramos. Vidas Secas. 91.ª ed.

Rio de Janeiro: Record, 2003.

No fragmento transcrito, o padrão formal da linguagem convive com marcas de regionalismo e de coloquialismo no vocabulário. Pertence a variedade do padrão formal da linguagem o seguinte trecho:

a) "Não se conformou: devia haver engano" (ℓ.1).

b) "e Fabiano perdeu os estribos" (ℓ.3).

c) "Passar a vida inteira assim no toco" (ℓ.4).

d) "entregando o que era dele de mão beijada!" (ℓ.4-5).

e) "Ai Fabiano baixou a pancada e amunhecou" (ℓ.11).

56) (UEMG-2006) Nos trechos citados abaixo, a *linguagem figurada* **SÓ NÃO** se faz presente em:

a) Percebo que a origem das matérias está na pauta das edições de domingo, quando o número maior de páginas, em proporção ao espaço mais amplo dedicado aos anúncios, exige / permite a inserção de artigos e reportagens de análise produzidas durante a semana.

b) Enquanto um vende esperança, o outro prefere pintar um quadro sombrio. Chego a pensar que o sucesso de um as aperturas do outro influenciaram a escolha dos repórteres e editores.

c) O *Globo* engorda o seu otimismo com percentuais positivos, seu concorrente preenche toda uma página com relatos de desempregados e demonstrativos de que a classe média foi a mais atingida.

d) A escola deve se transformar em uma extensão sem muros e sem cercas elétricas do mundo de textos que a rodeia.

57) (Fuvest-2005) O filme **Cazuza - O tempo não pára** me deixou numa espécie de felicidade pensativa. Tento explicar por quê.

Cazuza mordeu a vida com todos os dentes. A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver. É impossível sair da sala de cinema sem se perguntar mais uma vez: o que vale mais, a preservação de nossas forças, que garantiria uma vida mais longa, ou a livre procura da máxima intensidade e variedade de experiências?

Digo que a pergunta se apresenta "mais uma vez" porque a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória.

(...) Obedecemos a uma proliferação de regras que são ditadas pelos progressos da prevenção. Ninguém imagina que comer banha, fumar, tomar pinga, transar sem camisinha e combinar, sei lá, nitratos com Viagra seja uma boa idéia. De fato não é. À primeira vista, parece lógico

que concordemos sem hesitação sobre o seguinte: não há ou não deveria haver prazeres que valham um risco de vida ou, simplesmente, que valham o risco de encurtar a vida. De que adiantaria um prazer que, por assim dizer, cortasse o galho sobre o qual estou sentado?

Os jovens têm uma razão básica para desconfiar de uma moral prudente e um pouco avara que sugere que escolhamos sempre os tempos suplementares. É que a morte lhes parece distante, uma coisa com a qual a gente se preocupará mais tarde, muito mais tarde. Mas sua vontade de caminhar na corda bamba e sem rede não é apenas a inconsciência de quem pode esquecer que “o tempo não pára”. É também (e talvez sobretudo) um questionamento que nos desafia: para disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?

(Contardo Calligaris, **Folha de S. Paulo**)

Embora predomine no texto a linguagem formal, é possível identificar nele marcas de coloquialidade, como as expressões assinaladas em:

- a) “**mordeu** a vida” e “moral prudente e um pouco **avara**”.
- b) “sem se perguntar **mais uma vez**” e “não **deveria haver** prazeres”.
- c) “parece **lógico**” e “**que não sejam** só a decisão”.
- d) “e combinar, **sei lá**, nitratos” e “**a gente** se preocupa”.
- e) “que valham **um risco de vida**” e “(e talvez **sobretudo**) um questionamento”.

58) (FATEC-2006) O mundo já dispõe de informação e tecnologia para resolver a maioria dos problemas enfrentados pelos países pobres, mas falta implementar esse conhecimento na escala necessária. Foi a partir desse pressuposto que a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou no Brasil o Projeto do Milênio das Nações Unidas. A novidade propõe um conjunto de ações práticas para que o mundo alcance os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – uma série de metas socioeconômicas com os países da ONU se comprometerem a atingir até 2015, abrangendo áreas como renda, educação, saúde, meio ambiente.

Uma grande mudança nas políticas globais é necessária em 2005, para que os países mais pobres do mundo avancem para alcançar os Objetivos, alerta o projeto. Se forem alcançados, mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza e 250 milhões não passarão mais fome.

O relatório do projeto recomenda que cada país mapeie as principais dimensões da extrema pobreza e faça um plano de ação, incluindo os investimentos públicos necessários. Recomenda também que os governos trabalhem ativamente com todos os segmentos, particularmente com a sociedade civil organizada e o setor privado.

“Este triunfo do espírito humano nos dá a esperança e a confiança de que a extrema pobreza pode ser reduzida pela metade até o ano de 2015, e até mesmo eliminada totalmente nos próximos anos. A comunidade mundial dispõe de tecnologias políticas, recursos financeiros e , o

mais importante, coragem e compaixão humana para fazer isso acontecer”, diz o coordenador no prefácio do relatório.

(texto adaptado da revista Fórum número 24, de 2005)

Assinale a alternativa em que a passagem do texto, em sua nova versão, apresenta-se redigida de acordo com a norma culta.

- a) Não fora este triunfo do espírito humano, não haveria esperança de que a extrema pobreza pudesse ser eliminada, tampouco reduzida.
- b) Recomendou-se, no relatório do Projeto que cada país mapeiasse as principais dimensões da extrema pobreza e fizesse um plano de ação.
- c) “Necessitam-se de grandes mudanças nas políticas globais em 2005, afim de que os países mais pobres do mundo avancem para alcançar os Objetivos”, alerta o projeto.
- d) É possível se ter esperança e confiar, de que a pobreza poderá ser reduzida e, inclusive eliminada.
- e) Diz o coordenador no prefácio do relatório, que: para fazer com que isso acontecesse, era preciso que a comunidade mundial disponha de coragem e compaixão humana.

59) (UFSCar-2007) O sertanejo falando

A fala a nível do sertanejo engana:

as palavras dele vêm, como rebuçadas (palavras confeito, pílula), na glâce de uma entonação lisa, de adocicada.

Enquanto que sob ela, dura e endurece o caroço de pedra, a amêndoa pétrea, dessa árvore pedrenta (o sertanejo) incapaz de não se expressar em pedra.

Daí porque o sertanejo fala pouco:

as palavras de pedra ulceram a boca e no idioma pedra se fala doloroso;

o natural desse idioma fala à força. Daí

também porque ele fala devagar: tem

de pegar as palavras com cuidado,

confeitá-las na língua, rebuçá-las;

pois toma tempo todo esse trabalho.

(João Cabral de Melo Neto, A educação pela pedra.

Nova Fronteira, 1996, p. 16.)

Em 27 de outubro de 1973, em entrevista ao jornal carioca O Globo, João Cabral disse:

Eu tentei criar uma outra linguagem, não completamente nova, como os concretistas fizeram, mas uma linguagem que se afastasse um pouco da linguagem usual. Ora, desde o momento em que você se afasta da norma você se faz esta palavra antipática que é “hermético”. Quer dizer, você se faz hermético numa leitura superficial.

Agora, se o leitor ler e reler, estudar esse texto, ele verá que a coisa não é tão hermética assim. Apenas está escrito com um pequeno desvio da linguagem usual.

- a) Destaque, na terceira estrofe, desvios da linguagem usual vinculados ao emprego das classes de palavra.
- b) No último verso da terceira estrofe, também é possível observar um artifício do poeta, que provoca uma releitura. Explique esse artifício.

60) (Unicamp-1999) O texto "O FMI vem aí. Viva o FMI", do articulista Luiz Nassif, publicado na revista ÍCARO, está redigido no português culto característico do jornalismo, e contém, inclusive, um bom número de expressões típicas da linguagem dos economistas, como "desequilíbrio conjuntural", "royalties", "produtos primários", "política cambial". No entanto, contém também termos ou expressões informais, como na seguinte frase: "Há um ou outro caso de mudanças estruturais no mundo que deixa os países com a broxa na mão".

Leia o trecho abaixo, que é parte do mesmo artigo, e responda às questões:

Países já chegam ao FMI com todos esses impasses, denotando a incapacidade de suas elites de chegarem a fórmulas consensuais para enfrentar a crise - mesmo porque essas fórmulas implicam prejuízos aos interesses de alguns grupos poderosos. Aí a burocracia do FMI deita e rola. Há, em geral, economistas especializados em determinadas regiões do globo. Mas, na maioria das vezes, as fórmulas aplicadas aos países são homogêneas, burocráticas, de quem está por cima da carne-seca e não quer saber de limitações de ordem social ou política. (...) Sem os recursos adicionais do Fundo, a travessia de 1999 seria um inferno, com as reservas cambiais se esvaindo e o país sendo obrigado ou a fechar sua economia ou a entrar em parafuso. O desafio maior será produzir um acordo que obrigue, sim, o governo e Congresso a acelerarem as reformas essenciais (ÍCARO, 170, out. 1998).

- a) Transcreva outras três expressões do trecho que tenham a mesma característica de informalidade.
- b) Substitua as referidas expressões por outras, típicas da linguagem formal.

61) (ITA-2003) O texto abaixo, de divulgação científica, apresenta termos coloquiais que, apesar de muito expressivos, não são comuns em textos científicos. Reescreva o primeiro período, utilizando a linguagem no nível formal.

A ciência vive atrás de truques para dar uma rasteira genética no câncer, mas desta vez parece que pesquisadores americanos deram de cara com um ovo de Colombo. Desligando um só gene, eles pararam o crescimento do tumor. Melhor ainda: quando a substância que suprimia o gene parava de agir, ele se ativava, outra

vez - mas a favor do organismo, ordenando a morte do câncer.

(JOSÉ REINALDO LOPES. Gene "vira-casaca" derruba tumor. Folha de S. Paulo, 5/07/2002, A-16)

62) (UFSCar-2001) Ora, suposto que já somos pó, e não pode deixar de ser, pois Deus o disse; perguntar-me-eis, e com muita razão, em que nos distinguimos logo os vivos dos mortos? Os mortos são pó, nós também somos pó: em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguímo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído; os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz: Hic jacet¹. Estão essas praças no verão cobertas de pó: dá um pé-de-vento, levanta-se o pó no ar e que faz? O que fazem os vivos, e muito vivos. **Não aquieta o pó, nem pode estar quedo: anda, corre, voa; entra por esta rua, sai por aquela; já vai adiante, já torna atrás; tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cega, tudo penetra, em tudo e por tudo se mete, sem aquietar nem sossegar um momento, enquanto o vento dura.** Acalmou o vento: cai o pó, e onde o vento parou, ali fica; ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. Não é assim? Assim é.

(VIEIRA, Antônio. Trecho do Cap. V do Sermão da Quarta-Feira de Cinza. Apud: Sermões de Padre Antônio Vieira. São Paulo: Núcleo, 1994, p. 123-4.)

1 - Hic jacet: aqui jaz.

Segundo o **Novo Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**, "sermão" é um "discurso religioso geralmente pregado no púlpito".

- a) De que forma o autor reproduz, no texto escrito, características próprias do discurso falado?
- b) O texto apresenta uma relação de oposição entre estaticidade e movimento. Indique, no trecho destacado em negrito, qual dessas idéias é abordada e a forma de construção de período utilizada para exprimi-la.

63) (Fuvest-2000) Orientação para uso deste medicamento: antes de você usar este medicamento, verifica se o rótulo consta as seguintes informações, seu nome, nome de seu médico, data de manipulação e validade e fórmula do medicamento solicitado.

- a) Há no texto desvios em relação à norma culta. Reescreva-o, fazendo as correções necessárias.
- b) A que se refere, no contexto, o pronome seu da expressão "seu nome"? Justifique sua resposta.

64) (Unicamp-2000) Perguntado em fins de 1997 pelo *Jornal das Letras* (Lisboa) se seu nome seria uma boa indicação para o Prêmio Nobel de Literatura, junto com os nomes, sempre lembrados pela imprensa, de José Saramago e António Lobo Antunes, o escritor português José Cardoso Pires deu a seguinte resposta:

“A Imprensa tem lá as suas razões. Durante anos e anos passei a vida a assinar papéis a pedir um Nobel para um escritor português e isso não serviu de nada. De modo que o facto da Imprensa agora prever isto ou aquilo... Uma coisa eu sei: o Prémio Nobel dado a um escritor português de qualidade beneficiava todos os escritores portugueses. Que todos gostariam de ter o Prémio Nobel também é verdade, mas se um ganhar ganhamos todos. De qualquer modo o critério actual é o dos mais traduzidos e os mais traduzidos são o Saramago e o Lobo Antunes. Eu sou menos. Mas isso não me preocupa nada. Sinceramente”.

- a) aponte, na resposta de Cardoso Pires, as características de acentuação e de grafia que a identificam como um texto em português europeu.
- b) aponte, na mesma resposta, as construções que a caracterizam como um texto de português europeu, e dê os prováveis equivalentes brasileiros dessas construções.
- c) sabemos que o Nobel de Literatura foi ganho em 1998 por José Saramago. A partir de qual passagem do texto poderíamos desconfiar que, na opinião do entrevistado, não necessariamente o vencedor é o melhor?

65) (UFSCar-2002) Selinho, sim, mas só para poucos Primeiro, Hebe Camargo, toda animada, pediu a Sílvia Santos um “selinho” (beijinho). Não ganhou: “Nem selinho, nem selo, nem selão”, ouviu dele, categórico. Em seguida, Gilberto Gil entrou no palco, de mão estendida para cumprimentá-lo. O que fez o apresentador? Disse “selinho”, esticou os lábios e zás - tascou um beijinho na boca do músico. A cena foi ao ar de madrugada, no encerramento do Teleton, a Maratona beneficente exibida pelo SBT. Gil ficou surpreso. Hebe fingiu brabeza e Sílvia riu muito. “Tirei uma onda, foi só uma bicotinha”, diz ele. “Tudo tem uma primeira vez”.
(Veja, 07.11.2001, pág. 101.)

O termo “selinho” é bastante utilizado na linguagem atual. O diminutivo no uso da palavra serve para enfatizar que se trata de um beijo

- a) indiscreto.
b) demorado.
c) engraçado.
d) indecente
e) breve.

66) (UFSCar-2002) Selinho, sim, mas só para poucos Primeiro, Hebe Camargo, toda animada, pediu a Sílvia Santos um “selinho” (beijinho). Não ganhou: “Nem selinho, nem selo, nem selão”, ouviu dele, categórico. Em seguida, Gilberto Gil entrou no palco, de mão estendida para cumprimentá-lo. O que fez o apresentador? Disse “selinho”, esticou os lábios e zás - tascou um beijinho na boca do músico. A cena foi ao ar de madrugada, no encerramento do Teleton, a Maratona beneficente exibida

pelo SBT. Gil ficou surpreso. Hebe fingiu brabeza e Sílvia riu muito. “Tirei uma onda, foi só uma bicotinha”, diz ele. “Tudo tem uma primeira vez”.
(Veja, 07.11.2001, pág. 101.)

- O vocabulário do texto mostra que o jornalista optou por uma expressão mais à vontade e informal. Essa opção pode ser comprovada pelo emprego de
- a) “toda animada” e “categórico”.
b) “categórico” e “tascou”.
c) “esticou” e “tascou”.
d) “beijinho” e “encerramento”.
e) “encerramento” e “beneficente”.

67) (UFSCar-2002) Selinho, sim, mas só para poucos Primeiro, Hebe Camargo, toda animada, pediu a Sílvia Santos um “selinho” (beijinho). Não ganhou: “Nem selinho, nem selo, nem selão”, ouviu dele, categórico. Em seguida, Gilberto Gil entrou no palco, de mão estendida para cumprimentá-lo. O que fez o apresentador? Disse “selinho”, esticou os lábios e zás - tascou um beijinho na boca do músico. A cena foi ao ar de madrugada, no encerramento do Teleton, a Maratona beneficente exibida pelo SBT. Gil ficou surpreso. Hebe fingiu brabeza e Sílvia riu muito. “Tirei uma onda, foi só uma bicotinha”, diz ele. “Tudo tem uma primeira vez”.
(Veja, 07.11.2001, pág. 101.)

Considerando a situação em que a expressão “Tirei uma onda” foi dita pelo apresentador Sílvia Santos, pode-se entender que ele

- a) fez uma brincadeira com o músico.
b) ofendeu os artistas e o público.
c) quis deixar o público horrorizado.
d) pretendeu magoar Hebe Camargo.
e) não teve idéia da repercussão da sua atitude.

68) (UNIFESP-2005) Senhor feudal
Se Pedro Segundo

Vier aqui

Com história

Eu boto ele na cadeia.

Oswald de Andrade

No contexto, a expressão “com história”, significa

- a) um colóquio de intelectuais.
b) uma conversa fiada.
c) um comunicado urgente.
d) uma prosa de amigos.
e) um diálogo sério.

69) (ENEM-2002) Só falta o Senado aprovar o projeto de lei [sobre o uso de termos estrangeiros no Brasil] para que palavras como shopping center, delivery e drive-through sejam proibidas em nomes de estabelecimentos e marcas. Engajado nessa valorosa luta contra o inimigo ianque, que

quer fazer área de livre comércio com nosso inculto e belo idioma, venho sugerir algumas outras medidas que serão de extrema importância para a preservação da soberania nacional, a saber:

.....

Nenhum cidadão carioca ou gaúcho poderá dizer “Tu vai” em espaços públicos do território nacional;
Nenhum cidadão paulista poderá dizer “Eu lhe amo” e retirar ou acrescentar o plural em sentenças como “Me vê um chopps e dois pastel”;

.....

Nenhum dono de borracharia poderá escrever cartaz com a palavra “borraxaria” e nenhum dono de banca de jornal anunciará “Vende-se cigarros”;

.....

Nenhum livro de gramática obrigará os alunos a utilizar colocações pronominais como “casar-me-ei” ou “ver-se-ão”.

PIZA, Daniel. Uma proposta imodesta. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 8/04/2001.

No texto acima, o autor

- mostra-se favorável ao teor da proposta por entender que a língua portuguesa deve ser protegida contra deturpações de uso.
- ironiza o projeto de lei ao sugerir medidas que inibam determinados usos regionais e socioculturais da língua.
- denuncia o desconhecimento de regras elementares de concordância verbal e nominal pelo falante brasileiro.
- revela-se preconceituoso em relação a certos registros lingüísticos ao propor medidas que os controlem.
- defende o ensino rigoroso da gramática para que todos aprendam a empregar corretamente os pronomes.

70) (Vunesp-2001) Solar Encantado

Só, dominando no alto a alpestre serra,
Entre alcantis, e ao pé de um rio majestoso,
Dorme quedo na névoa o solar misterioso,
Encerrado no horror de uma lenda sombria.

Ouve-se à noite, em torno, um clamor lamentoso,
Piam aves de agouro, estruge a ventania,
E brilhando no chão por sobre a selva fria,
Correm chamas sutis de um fulgor nebuloso.

Dentro um luxo funéreo. O silêncio por tudo...
Apenas, alta noite, uma sombra de leve
Agita-se a tremer nas trevas de veludo...

Ouve-se, acaso, então, vaguíssimo suspiro,
E na sala, espalhando um clarão cor de neve,
Resvala como um sopro o vulto de um vampiro.
SILVA, Vítor. In: RAMOS, P.E. da Silva. Poesia parnasiana - antologia. São Paulo: Melhoramentos, 1967, p. 245.

A Alma do Apartamento Mora na Varanda

No terraço de 128m², a família toma sol, recebe amigos para festas e curte a vista dos Jardins, em São Paulo. Os espaços generosos deste apartamento dos anos 50 recebem luz e brisa constantes graças às grandes janelas. Os aromas desse apartamento de 445m² denunciam que ele vive os primeiros dias: o ar recende a pintura fresca. Basta apurar o olfato para também descobrir a predileção do dono da casa por charutos, lírios e velas, espalhados pelos ambientes sociais. Sobre o fundo branco do piso e dos sofás, surgem os toques de cores vivas nas paredes e nos objetos. “Percebi que a personalidade do meu cliente é forte. Não tinha nada a ver usar tons suaves”, diz Nesa César, a profissional escolhida para fazer a decoração. Quando o dia está bonito, sair para a varanda é expor-se a um banho de sol, pois o piso claro reflete a luz. O espaço resgata um pedaço do Mediterrâneo, com móveis brancos e paredes azuis. “Parece a Grécia”, diz a filha do proprietário. Ele, um publicitário carioca que adora sol e festa, acredita que a alma do apartamento está ali. MEDEIROS, Edson G. & PATRÍCIO, Patrícia. A alma do apartamento mora na varanda. In: Casa Cláudia. São Paulo, Editora Abril, nº 4, ano 23, abril/99, p. 69-70.

Saudosa Maloca

Se o sinhô não tá lembrado,
Dá licença de contá
Que aqui onde agora está
Esse adifício arto
Era uma casa véia,
Um palacete assobradado.
Foi aqui, “seu” moço,
Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construímos nossa maloca
Mais, um dia,
- Nós nem pode se alembrá -,
Veio os homens c’as ferramentas,
O dono mandô derrubá.

Peguemos todas nossas coisas
E fumos pro meio da rua
Preciá a demolição
Que tristeza que nós sentia
Cada tauba que caía
Duía no coração
Mato Grosso quis gritá
Mais em cima eu falei:
Os homens tá c’a razão,
Nóis arranja otro lugá.
Só se conformemos quando o Joca falô:
“Deus dá o frio conforme o cobertô”.
E hoje nós pega paia nas gramas do jardim
E p’ra esquecer nós cantemos assim:
Saudosa maloca, maloca querida, dim, dim,
Donde nós passemos dias feliz de nossa vida.

BARBOSA, Adoniran. In: Demônios da Garoa - Trem das 11. CD 903179209-2, Continental-Warner Music Brasil, 1995.

A letra de **Saudosa Maloca** pode ser considerada como realização de uma “linguagem artística” do poeta, estabelecida com base na sobreposição de elementos do uso popular ao uso culto. Uma destas sobreposições é o emprego do pronome oblíquo de terceira pessoa “se” em lugar de “nos”, diferentemente do que prescreve a norma culta (o poeta emprega *se conformemos* em vez de *nos conformamos*; *se alembra* em vez de *nos lembrar*).

Considerando este comentário,

- descreva e exemplifique o que ocorre, na linguagem artística do compositor, com o -r final e com o -lh- medial das palavras, em relação ao uso oral culto;
- estabeleça as diferenças que apresentam, em relação ao uso culto, as seguintes formas verbais da primeira pessoa do plural do presente do indicativo empregadas pelo compositor: “pode” (verso 11), “arranja” (verso 23) e “pega” (verso 26).

71) (FUVEST-2007) Sou feliz pelos amigos que tenho. Um deles muito sofre pelo meu descuido com o vernáculo. Por alguns anos ele sistematicamente me enviava missivas eruditas com precisas informações sobre as regras da gramática, que eu não respeitava, e sobre a grafia correta dos vocábulos, que eu ignorava. Fi-lo sofrer pelo uso errado que fiz de uma palavra no último “Quarto de Badulaques”. Acontece que eu, acostumado a conversar com a gente das Minas Gerais, falei em “varreção” - do verbo “varrer”. De fato, tratava-se de um equívoco que, num vestibular, poderia me valer uma reprovação. Pois o meu amigo, paladino da língua portuguesa, se deu ao trabalho de fazer um xerox da página 827 do dicionário (...). O certo é “varrição”, e não “varreção”. Mas estou com medo de que os mineiros da roça façam troça de mim, porque nunca os ouvi falar de “varrição”. E se eles rirem de mim não vai me adiantar mostrar-lhes o xerox da página do dicionário (...). Porque para eles não é o dicionário que faz a língua. É o povo. E o povo, lá nas montanhas de Minas Gerais, fala “varreção”, quando não “barreção”. O que me deixa triste sobre esse amigo oculto é que nunca tenha dito nada sobre o que eu escrevo, se é bonito ou se é feio. Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado.

Rubem Alves

<http://rubemalves.uol.com.br/quartodebadulaques>

Ao manifestar-se quanto ao que seja “correto” ou “incorreto” no uso da língua portuguesa, o autor revela sua preocupação em

- atender ao padrão culto, em “fi-lo”, e ao registro informal, em “varrição”.
- corrigir formas condenáveis, como no caso de “barreção”, em vez de “varreção”.
- valer-se o tempo todo de um registro informal, de que é exemplo a expressão “missivas eruditas”.

d) ponderar sobre a validade de diferentes usos da língua, em diferentes contextos.

e) negar que costume cometer deslizes quanto à grafia dos vocábulos.

72) (Fuvest-2002) Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe¹ em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia² rechonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão³. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

(Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*)

Glossário:

- algibebe: mascate, vendedor ambulante.
- saloia: aldeã das imediações de Lisboa.
- maganão: brincalhão, jovial, divertido.

No excerto, o narrador incorpora elementos da linguagem usada pela maioria das personagens da obra, como se verifica em:

- aborrecera-se porém do negócio.
- de que o vemos empossado.
- rechonchuda e bonitota.
- envergonhada do gracejo.
- amantes tão extremosos.

73) (UFSCar-2007) Suave Mari Magno

Lembra-me que, em certo dia,
Na rua, ao sol de verão,
Envenenado morria
Um pobre cão.
Arfava, espumava e ria,
De um riso espúrio e bufão,
Ventre e pernas sacudia
Na convulsão.
Nenhum, nenhum curioso
Passava, sem se deter,
Silencioso,

Junto ao cão que ia morrer,
Como se lhe desse gozo
Ver padecer.
(Machado de Assis, Obra Completa, vol. III, p. 161.)

Seqüência
Eu era pequena. A cozinheira Lizarda
tinha nos levado ao mercado, minha irmã, eu.
Passava um homem com um abacate na mão
e eu inconsciente:
“Ome, me dá esse abacate...”
O homem me entregou a fruta madura.
Minha irmã, de pronto: “vou contar pra mãe que ocê
pediu abacate na rua.”
Eu voltava trocando as pernas bambas.
Meus medos, crescidos, enormes...
A denúncia confirmada, o auto, a comprovação do delito.
O impulso materno...conseqüência obscura da
escravidão passada,
o ranço dos castigos corporais.
Eu, aos gritos, esperando.
O abacate esmagado, pisado, me sujando toda. Durante
muitos anos minha repugnância por esta fruta trazendo
a recordação permanente do castigo cruel. Sentia, sem
definir, a recreação dos que ficaram de fora, assistentes,
acusadores.
Nada mais aprazível no tempo, do que presenciar a
criança indefesa
espernear numa coça de chineladas.
“é pra seu bem,” diziam, “doutra vez não pedi fruta na
rua.”
(Cora Coralina, Vintém de cobre, p. 131-132.)

Depois de comparar os dois textos:
a) explicita o que há de comum entre eles.
b) no segundo texto, cite pelo menos três formas de
linguagem que refletem a oralidade do Português do
Brasil.

74) (ITA-2002) Tem gente que junta os trapos, outros
juntam os pedaços.

No texto, a marca da coloquialidade apresenta-se como
transgressão gramatical. Assinale a alternativa que
corresponde ao fato:

- a) Ausência do conectivo.
- b) Escolha das palavras.
- c) Emprego do verbo ter.
- d) Repetição do verbo juntar.
- e) Emprego da vírgula.

75) (UFSC-2005) Texto 1

Mas, afinal, o que é língua padrão?

Já sabemos que as línguas são um conjunto bastante
variado de formas lingüísticas, cada uma delas com a sua
gramática, a sua organização estrutural. Do ponto de vista
científico, não há como dizer que uma forma lingüística é
melhor que outra, a não ser que a gente se esqueça da
ciência e adote o preconceito ou o gosto pessoal como
critério.

Entretanto, é fato que há uma diferen-
ciação valorativa, que nasce não da diferença desta ou daquela forma em si,
mas do significado social que certas formas lingüísticas
adquirem nas sociedades. Mesmo que nunca tenhamos
pensado objetivamente a respeito, nós sabemos (ou
procuramos saber o tempo todo) o que é e o que não é
permitido... Nós costumamos “medir nossas palavras”,
entre outras razões, porque nosso ouvinte vai julgar não
somente o que se diz, mas também quem diz. E a
linguagem é altamente reveladora: ela não transmite só
informações neutras; revela também nossa classe social, a
região de onde viemos, o nosso ponto de vista, a nossa
escolaridade, a nossa intenção... Nesse sentido, a
linguagem também é um índice de poder.
Assim, na rede das línguas de uma dada sociedade, a
língua padrão ocupa um espaço privilegiado: ela é o
conjunto de formas consideradas como o modo correto,
socialmente aceitável, de falar ou escrever.

FARACO, Carlos Alberto & TEZZA, Cristóvão. *Prática de
texto: língua portuguesa para nossos estudantes*. 4 ed.
Petrópolis: Vozes, 1992, p. 30.

Texto 2

CUITELINHO*

Cheguei na bera do porto
onde as onda se espaia.
As garça dá meia volta,
senta na bera da praia.
E o cuitelinho não gosta
que o botão de rosa caia.

Quando eu vim de minha terra,
despedi da parentaia.
Eu entrei no Mato Grosso,
dei em terras paraguaia.
Lá tinha revolução,
enfrentei fortes bataia.

A tua saudade corta
como aço de navaia.
O coração fica aflito,
bate uma, a outra faia.
E os oio se enche d'água
que até a vista se atrapaia.

*Cuitelinho - pequeno cuitelo ou beija-flor
(Cantiga popular brasileira de Paulo Vanzolin)

Texto 3

Domingo à tarde, o político vê um programa de televisão.
Um assessor passa por ele e pergunta:

Firme?

O político responde:

Não. Sírvio Santos.

POSSENTI, Sírvio. *Os humores da língua*. Campinas:
Mercado de Letras, 1998, p. 34

Assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)** a respeito dos
Textos 1, 2 e 3.

01. Quando Faraco e Tezza, no Texto 1, dizem que *há uma diferenciação valorativa*, (linhas 10 a 11) estão se referindo apenas a variedades regionais.

02. O falante, tendo envolvimento múltiplo nas relações sociais, normalmente domina mais de uma variedade da língua. Costuma medir suas palavras (linha 19 do Texto 1) conforme a situação. Nesse sentido, ele é um camaleão lingüístico: adapta a sua fala à situação em que se encontra.

04. O Texto 2 registra uma variedade regional do interior de algumas cidades brasileiras, conhecida como dialeto caipira. Essa variedade, ilustrada em *espaia*, *parentaia*, *bataia* e *atrapaia*, é normalmente estigmatizada pela sociedade, servindo, muitas vezes, de piada.

08. Quem domina apenas um dialeto caipira, a exemplo das variedades usadas no Texto 2 e no Texto 3, não terá dificuldade para ler um texto escrito em língua padrão, ou para produzir textos com ela.

16. O efeito da piada (Texto 3) está relacionado com os dois sentidos que a palavra *filme* manifesta: um, como cumprimento informal "Tudo bem?" e outro, como variante popular de *filme*.

76) (UFSC-2005) Texto 1

Mas, afinal, o que é língua padrão?

Já sabemos que as línguas são um conjunto bastante variado de formas lingüísticas, cada uma delas com a sua gramática, a sua organização estrutural. Do ponto de vista científico, não há como dizer que uma forma lingüística é melhor que outra, a não ser que a gente se esqueça da ciência e adote o preconceito ou o gosto pessoal como critério.

Entretanto, é fato que há uma diferenciação valorativa, que nasce não da diferença desta ou daquela forma em si, mas do significado social que certas formas lingüísticas adquirem nas sociedades. Mesmo que nunca tenhamos

pensado objetivamente a respeito, nós sabemos (ou procuramos saber o tempo todo) o que é e o que não é permitido... Nós costumamos "medir nossas palavras", entre outras razões, porque nosso ouvinte vai julgar não somente o que se diz, mas também quem diz. E a linguagem é altamente reveladora: ela não transmite só informações neutras; revela também nossa classe social, a região de onde viemos, o nosso ponto de vista, a nossa escolaridade, a nossa intenção... Nesse sentido, a linguagem também é um índice de poder.

Assim, na rede das linguagens de uma dada sociedade, a língua padrão ocupa um espaço privilegiado: ela é o conjunto de formas consideradas como o modo correto, socialmente aceitável, de falar ou escrever.

FARACO, Carlos Alberto & TEZZA, Cristóvão. *Prática de texto: língua portuguesa para nossos estudantes*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 30.

Texto 2

CUITELINHO*

Cheguei na bera do porto
onde as onda se espaia.

As garça dá meia volta,
senta na bera da praia.
E o cuitelinho não gosta
que o botão de rosa caia.

Quando eu vim de minha terra,
despedi da parentaia.

Eu entrei no Mato Grosso,
dei em terras paraguaia.
Lá tinha revolução,
enfrentei fortes bataia.

A tua saudade corta
como aço de navaia.
O coração fica aflito,
bate uma, a outra faia.
E os oio se enche d'água
que até a vista se atrapaia.

*Cuitelinho - pequeno cuitelo ou beija-flor
(Cantiga popular brasileira de Paulo Vanzolin)

Texto 3

Domingo à tarde, o político vê um pro-grama de televisão.
Um assessor passa por ele e pergunta:

Firme?

O político responde:

Não. Sírvio Santos.

POSSENTI, Sírvio. *Os humores da língua*. Campinas:
Mercado de Letras, 1998, p. 34

Ainda, sobre o Texto 1, é **CORRETO** afirmar que:

01. o trecho a não ser que a gente se esqueça da ciência e adote o preconceito ou o gosto pessoal como critério (linhas 7 a 9) pode ser assim parafraseado: a não ser que a ciência seja esquecida e seja adotado o preconceito ou o gosto pessoal como critério.
02. os pronomes a gente (linha 7) e nós (linha 16) foram usados com o mesmo significado referencial. Esse recurso se caracteriza como variação lingüística e pode ser observado tanto na linguagem padrão como na linguagem coloquial.
04. o conector assim (linha 29) foi usado com valor exemplificativo e complementar. O parágrafo introduzido por ele serviu para confirmar o que foi dito antes.
08. no trecho ela não transmite só informações neutras (linha 23), as palavras sublinhadas indicam que existem informações neutras, além de outras informações.
16. a expressão **não somente... mas também** em: nosso ouvinte vai julgar não somente o que se diz, mas também quem diz (linhas 20 a 22) estabelece uma relação de retificação do argumento da primeira afirmação com o argumento da segunda e acrescenta uma nova informação.

77) (UFSC-2005) Texto 1

Mas, afinal, o que é língua padrão?

Já sabemos que as línguas são um conjunto bastante variado de formas lingüísticas, cada uma delas com a sua gramática, a sua organização estrutural. Do ponto de vista científico, não há como dizer que uma forma lingüística é melhor que outra, a não ser que a gente se esqueça da ciência e adote o preconceito ou o gosto pessoal como critério.

Entretanto, é fato que há uma diferença valorativa, que nasce não da diferença desta ou daquela forma em si, mas do significado social que certas formas lingüísticas adquirem nas sociedades. Mesmo que nunca tenhamos pensado objetivamente a respeito, nós sabemos (ou procuramos saber o tempo todo) o que é e o que não é permitido... Nós costumamos “medir nossas palavras”, entre outras razões, porque nosso ouvinte vai julgar não somente o que se diz, mas também quem diz. E a linguagem é altamente reveladora: ela não transmite só informações neutras; revela também nossa classe social, a região de onde viemos, o nosso ponto de vista, a nossa escolaridade, a nossa intenção... Nesse sentido, a linguagem também é um índice de poder.

Assim, na rede das linguagens de uma dada sociedade, a língua padrão ocupa um espaço privilegiado: ela é o conjunto de formas consideradas como o modo correto, socialmente aceitável, de falar ou escrever.

FARACO, Carlos Alberto & TEZZA, Cristóvão. *Prática de texto: língua portuguesa para nossos estudantes*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 30.

Texto 2

CUITELINHO*

Cheguei na bera do porto
onde as onda se espaia.
As garça dá meia volta,
senta na bera da praia.
E o cuitelinho não gosta
que o botão de rosa caia.

Quando eu vim de minha terra,
despedi da parentaia.

Eu entrei no Mato Grosso,
dei em terras paraguaia.
Lá tinha revolução,
enfrentei fortes bataia.

A tua saudade corta
como aço de navaia.
O coração fica aflito,
bate uma, a outra faia.
E os oio se enche d'água
que até a vista se atrapaia.

*Cuitelinho - pequeno cuitelo ou beija-flor (Cantiga popular brasileira de Paulo Vanzolin)

Texto 3

Domingo à tarde, o político vê um pro-grama de televisão. Um assessor passa por ele e pergunta:

Firme?

O político responde:

Não. Sírvio Santos.

POSSENTI, Sírvio. *Os humores da língua*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 34

Considerando o livro de Dias Gomes *Sucupira, ame-a ou deixe-a*, e, ainda, os Textos 1, 2 e 3, é **CORRETO** afirmar que:

01. as diferentes variedades da língua, ilustradas nos Textos 1, 2 e 3, podem também ser observadas nas falas dos personagens de Dias Gomes, caracterizando diversos tipos, como o prefeito Odorico Paraguaçu: “Faça assentamento dos prós e dos contraprós” (p. 44), e o (ex)jagunço Zeca Diabo: “eu tou um burro véio” (p. 21), por exemplo.

02. o recurso estilístico da retórica com o significado de “adorno empolado ou pomposo de um discurso” (cf.

Aurélio) pode ser observado na fala de diversos personagens de Dias Gomes, com exceção de Odorico Paraguaçu.

04. a fala de Odorico Paraguaçu apresenta, em grande escala, o uso de neologismos, que são possíveis, considerando o processo de derivação lingüística, como nos exemplos: “**des**competente” e “**des**inaugurado”, para indicar negação. O mesmo processo pode ser encontrado em formas já reconhecidas, como **des**contente e **des**cuidado.

08. no trecho *a linguagem também é um índice de poder* (linhas 27 e 28 do Texto 1), o uso da palavra *também* faz pressupor algum outro significado, além do fato de que o valor dado às diferentes formas lingüísticas vai depender da importância de quem as utiliza.

16. na cantiga Cuitelinho (Texto 2), sobrepõem-se, ao significado denotativo de um termo, significados paralelos, como pode ser ilustrado nos versos: *A tua saudade corta/como aço de navaia* (linhas 13 e 14).

78) (PUC - RJ-2007) TEXTO 1

A revolução do cérebro

O seu cérebro é capaz de quase qualquer coisa. Ele consegue parar o tempo, ficar vários dias numa boa sem dormir, ler pensamentos, mover objetos a distância e se reconstruir de acordo com a necessidade. Parecem superpoderes de histórias em quadrinhos, mas são apenas algumas das descobertas que os neurocientistas fizeram ao longo da última década. Algumas dessas façanhas sempre fizeram parte do seu cérebro e só agora conseguimos perceber. Outras são fruto da ciência: ao decifrar alguns mecanismos da nossa mente, os pesquisadores estão encontrando maneiras de realizar coisas que antes pareciam impossíveis. O resultado é uma revolução como nenhuma outra, capaz de mudar não só a maneira como entendemos o cérebro, mas também a imagem que fazemos do mundo, da realidade e de quem somos nós. [...]

O seu corpo, ao que parece, é muito pequeno para conter uma máquina tão poderosa quanto o cérebro. Prova disso veio em julho, quando foram divulgadas as aventuras de Matthew Nagle, um americano que ficou paralisado em uma briga em 2001. Três anos depois, cientistas da Universidade Brown, EUA, e de quatro outras instituições implantaram eletrodos na parte do cérebro dele responsável pelos movimentos dos braços e registraram os disparos de mais de 100 neurônios. Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse e-mails, jogasse videogames e comandasse um braço robótico. Somente com o pensamento, Nagle conseguiu mover objetos. [...] Foi [...] uma prova de que o nosso cérebro é capaz de comandar objetos fora do corpo – uma idéia que pode mudar nossa relação com o mundo.

Extraído da Revista Superinteressante, Editora Abril, agosto de 2006, pp.50-59.

TEXTO 2

O século louco

Do século XX, no futuro, se dirá que foi louco. Um século que usou ao máximo o poder do cérebro para manipular as coisas do mundo e não usou o coração para fazer isso com sentimento solidário.

Um século no qual a palavra inteligência perdeu o seu sentido pleno, porque o raciocínio foi capaz de manipular a natureza nos limites da curiosidade científica, mas não foi usado para fazer um mundo melhor e mais belo para todos. A inteligência do século XX foi burra. Foi capaz de fabricar uma bomba atômica, liberar a energia escondida dentro dos átomos, mas incapaz de evitar que se usassem duas delas, matando centenas de milhares de pessoas. O que se pode dizer da bomba atômica, como símbolo do século XX, vale para o conjunto das técnicas usadas nestes cem anos loucos: fomos capazes de tudo, menos de fazer o mundo mais decente – como teria sido possível. Vivemos um tempo em que a inteligência humana conseguiu fazer robôs que substituem os trabalhadores, mas no lugar de libertar o homem da necessidade do trabalho, os robôs provocam a miséria do desemprego. Inventamos a maravilha do automóvel e aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho. Fizemos armas inteligentes, que acertam os alvos sem necessidade de arriscar a vida de pilotos, mas põem em risco a paz entre os povos. [...]

BUARQUE, Cristovam. Os instrangeiros. A aventura da opinião na fronteira dos séculos. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2002, pp. 113-115.

a) Retire, do Texto 1, uma expressão que tem um caráter excessivamente informal em relação ao restante do mesmo.

b) Fazendo todas as modificações necessárias, reescreva o período abaixo sem empregar a conjunção integrante “que”. “Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse e-mails, jogasse videogame e comandasse um braço robótico.”

c) Reescreva o período abaixo, utilizando a conjunção “embora” para marcar a relação estabelecida entre as duas orações. “Inventamos a maravilha do automóvel e aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho.”

79) (Fatec-2002) Texto I

Então Macunaíma pôs reparo numa criadinha com um vestido de linho amarelo pintado com extrato de tatajuba.

Ela já ia atravessando o corgo pelo pau.
Depois dela passar o herói gritou pra pinguela:

- Viu alguma coisa, pau?
- Via a graça dela!
- Quá! quá! quá quaquá!...

Macunaíma deu uma grande gargalhada. Então seguiu atrás do par. Eles já tinham brincado e descansavam na beira da lagoa. A moça estava sentada na borda duma igarité encalhada na praia. Toda nua inda do banho comia tambíus vivos, se rindo pro rapaz. Ele deitara de bruços na água rente dos pés da moça e tirava os lambarizinhos da lagoa pra ela comer. A crilada das ondas amontoava nas costas dele porém escorregando no corpo nu molhado caía de novo na lagoa com risadinhas de pingos. A moça batia com os pés n'água e era feito um repuxo roubado da Luna espirrando jeitoso, cegando o rapaz. Então ele enfiava a cabeça na lagoa e trazia a boca cheia de água. A moça apertava com os pés as bochechas dele e recebia o jato em cheio na barriga, assim. A brisa fiava a cabeleira da moça esticando de um em um os fios lisos na cara dela. O moço pôs reparo nisso. Firmando o queixo no joelho da companhia ergueu o busto da água, estirou o braço pro alto e principiou tirando os cabelos da cara da moça pra que ela pudesse comer sossegada os tambíus. Então pra agradecer ela enfiou três lambarizinhos na boca dele e rindo muito fastou o joelho depressa. O busto do rapaz não teve apoio mais e ele no sufragante focinhou n'água até o fundo, a moça inda forçando o pescoço dele com os pés. Ele ia escorregando sem perceber de tanta graça que achava na vida. Ia escorregando e afinal a canoa virou. Pois deixai ela virar! A moça levou um tombo engraçado por cima do rapaz e ele enrolou-se nela talqualmente um apuzeiro carinhoso. Todos os tambíus fugiram enquanto os dois brincavam n'água outra vez.

(Mário de Andrade, *Macunaíma. O herói sem nenhum caráter*)

Texto II

De outras e muitas grandezas vos poderíamos ilustrar, senhoras Amazonas, não fora persignar demasiado esta epístola; todavia, com afirmar-vos que esta é, por sem dúvida, a mais bela cidade terráquea, muito hemos feito em favor destes homens de prol. Mas cair-nos-iam as faces, si ocultáramos no silêncio, uma curiosidade original deste povo. Ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra. Assim chegado a estas plagas hospitalares, nos demos ao trabalho de bem nos inteirmos da etnologia da terra, e dentre muita surpresa e assombro que se nos deparou, por certo não foi das menores tal originalidade lingüística. Nas conversas utilizam-se os paulistanos dum linguajar bárbaro e multifário, crasso de feição e impuro na vernaculidade, mas que não deixa de ter o seu sabor e força nas apóstrofes, e também nas vozes do brincar. Destas e daquelas nos inteirmos, solícito; e nos será grata empresa

vo-las ensinarmos aí chegado. Mas si de tal desprezível língua se utilizam na conversação os naturais desta terra, logo que tomam da pena, se despojam de tanta asperidade, e surge o Homem Latino, de Lineu, exprimindo-se numa outra linguagem, mui próxima da vergiliana, no dizer dum panegirista, meigo idioma, que, com imperecível galhardia, se intitula: língua de Camões! De tal originalidade e riqueza vos há-de ser grato ter ciência, e mais ainda vos espantareis com saberdes, que à grande e quase total maioria, nem essas duas línguas bastam, senão que se enriquecem do mais lídimo italiano, por mais musical e gracioso, e que por todos os recantos da urbs é versado.
(Mário de Andrade, *Macunaíma. O herói sem nenhum caráter*)

Assinale a alternativa que transcreve e converte, correta e respectivamente, a frase do registro coloquial da linguagem, extraída do Texto I, em seu correspondente na modalidade culta.

- a) "Pois deixai ela virar" / "Pois deixa-a virar".
- b) "Ele deitara de bruços na água" / "Ele tinha deitado de bruços na água".
- c) "Depois dela passar" / "Depois de ela passar".
- d) "ele enrolou-se nela talqualmente um apuzeiro carinhoso" / "ele enrolou-se nela mesmo sendo um apuzeiro carinhoso".
- e) "Ia escorregando e afinal a canoa virou" / "Ia escorregando e até que enfim a canoa virou".

80) (ENEM-2007) Texto I

Agora Fabiano conseguia arranjar as idéias. O que o segurava era a família. Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não. (...) Tinha aqueles cambões pendurados ao pescoço. Deveria continuar a arrastá-los? Sinha Vitória dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo.
Graciliano Ramos. *Vidas Secas*. São Paulo: Martins, 23.ª ed., 1969, p. 75.

Texto II

Para Graciliano, o roceiro pobre é um outro, enigmático, impermeável. Não há solução fácil para uma tentativa de incorporação dessa figura no campo da ficção. É lidando com o impasse, ao invés de fáceis soluções, que Graciliano vai criar *Vidas Secas*, elaborando uma linguagem, uma estrutura romanesca, uma constituição de narrador em que narrador e criaturas se tocam, mas não se identificam. Em grande medida, o debate acontece porque, para a intelectualidade brasileira naquele momento, o pobre, a despeito de aparecer idealizado em certos aspectos, ainda é visto como um ser humano de segunda categoria,

simples demais, incapaz de ter pensamentos demasiadamente complexos. O que Vidas Secas faz é, com pretenso não envolvimento da voz que controla a narrativa, dar conta de uma riqueza humana de que essas pessoas seriam plenamente capazes.

Luís Bueno. Guimarães, Clarice e antes. *In*: Teresa. São Paulo: USP, n.º 2, 2001, p. 254.

No texto II, verifica-se que o autor utiliza

- linguagem predominantemente formal, para problematizar, na composição de Vidas Secas, a relação entre o escritor e o personagem popular.
- linguagem inovadora, visto que, sem abandonar a linguagem formal, dirige-se diretamente ao leitor.
- linguagem coloquial, para narrar coerentemente uma história que apresenta o roceiro pobre de forma pitoresca.
- linguagem formal com recursos retóricos próprios do texto literário em prosa, para analisar determinado momento da literatura brasileira.
- linguagem regionalista, para transmitir informações sobre literatura, valendo-se de coloquialismo, para facilitar o entendimento do texto.

81) (FATEC-2006) Texto II

Na ciência e na tecnologia o progresso é real, mas só faz aumentar o conhecimento e o poder do homem, e esse poder pode ser usado tanto para os mais benignos objetivos quanto para os mais desastrosos. Quando o conceito de progresso é aplicado à ética e à política, ele é uma ilusão perigosa. Veja-se, por exemplo, o caso dos gregos e dos romanos antigos. É claro que eles acreditavam no desenvolvimento de novas ferramentas. Mas eles não transferiam essa noção de progresso técnico para a ética ou a política. É óbvio, também, que eles acreditavam no bem e no mal, que as sociedades podiam ser melhores ou piores, e que a prosperidade é preferível à fome e à pobreza. No entanto, para gregos e romanos, os jogos da ética e da política estavam sujeitos a avanços e retrocessos. Ou seja, a história humana era cíclica, com diferentes períodos se alternando, como ocorre na natureza.

A ciência, no geral, chega mais perto da verdade do mundo que outros sistemas de crença, e nós temos testemunhado seu sucesso pragmático em aumentar o poder humano. Mas, do ponto de vista ético, o conhecimento é neutro, desprovido de valor - pode tanto nos levar a realizações maravilhosas quanto atender a propósitos terríveis. (John Gray, em *Veja*, 23 de novembro de 2005.)

Assinale a alternativa em que os trechos do texto, reescritos, apresentam pontuação, concordância e colocação de pronomes de acordo com a norma culta.

- Com a ciência, no geral chega-se mais perto da verdade, do que chega-se com outros sistemas de crença.
- É certo, portanto, que se sujeitavam os jogos da ética e da política a avanços e retrocessos.
- Aplicando-se à ética e à política conceitos, como o de progresso, é que vê-se que é: uma ilusão perigosa.
- Na Grécia e na Roma antigas, já acreditavam-se em novas ferramentas desenvolvidas pela tecnologia.
- Ainda se prefere, que a fome e a pobreza, dê lugar à prosperidade.

82) (FATEC-2006) Texto I

Os bem vizinhos de Naziazeno Barbosa assistem ao “pega” com o leiteiro. Por detrás das cercas, mudos, com a mulher e um que outro filho espantado já de pé àquela hora, ouvem. Todos aqueles quintais conhecidos têm o mesmo silêncio. Noutras ocasiões, quando era apenas a “briga” com a mulher, esta, como um último desaforo de vítima, dizialhe:

“Olha, que os vizinhos estão ouvindo”. Depois, à hora da saída, eram aquelas caras curiosas à janela. com os olhos fitos nele, enquanto ele cumprimentava.

O leiteiro diz-lhe aquelas coisas, despenca-se pela escadinha que vai do portão até à rua, toma as rédeas do burro e sai a galope, fustigando o animal, furioso, sem olhar para nada. Naziazeno ainda fica um instante ali sozinho. (A mulher havia entrado.) Um ou outro olhar de criança fuzila através das frestas das cercas. As sombras têm uma frescura que cheira a ervas úmidas. A luz é doirada e anda ainda por longe, na copa das árvores, no meio da estrada avermelhada.

Naziazeno encaminha-se então para dentro de casa. Vai até ao quarto. A mulher ouve-lhe os passos, o barulho de abrir e fechar um que outro móvel. Por fim, ele aparece no pequeno comedouro, o chapéu na mão. Senta-se à mesa, esperando. Ela lhe traz o alimento.

– Ele não aceita mais desculpas...

Naziazeno não fala. A mulher havia-se sentado defronte dele, enquanto ele toma o café.

– Vai nos deixar ainda sem leite...

Ele engole o café, nervoso, com os dedos ossudos e cabeçudos quebrando o pão em pedaços miudinhos, sem olhar a mulher.

– É o que tu pensas. Temores... Cortar um fornecimento não é coisa fácil.

– Porque tu não viste então o jeito dele quando te declarou: “Lhe dou mais um dia!”

(Dyonélio Machado, *Os ratos*.)

Leia o trecho:

A mulher havia-se sentado defronte dele, enquanto ele toma o café.

– Vai nos deixar ainda sem leite...

Assinale a alternativa que substitui o discurso direto pelo discurso indireto, sem que ocorram infrações da norma culta.

- a) A mulher lhe disse que o leiteiro ainda iria deixá-los sem leite.
- b) A mulher o disse que o leiteiro ainda lhes irá deixar sem leite.
- c) A mulher diz-lhe que o leiteiro ainda deixaria eles sem leite.
- d) A mulher nos disse que o leiteiro lhes deixaria sem leite.
- e) A mulher disse-lhe que o leiteiro ainda nos deixará sem leite.

83) (Fuvest-2004) Texto para a questão a seguir

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma cousa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal.

(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

Embora pertença à modalidade escrita da língua, este texto apresenta marcas de oralidade, que têm finalidades estilísticas.

Dos procedimentos verificados no texto e indicados abaixo, o único que constitui marca típica da modalidade escrita é:

- a) uso de frase elíptica em “Uma flor, o Quincas Borba”.
- b) repetição de palavras como “nunca” e “pajem”.
- c) interrupção da frase em “Quem diria que...”.
- d) emprego de frase nominal, como em “E de imperador!”
- e) uso das formas imperativas “suspendamos” e “não adiantemos”.

84) (UEMG-2007) Traços de oralidade/coloquialidade podem ser observados em todas as citações textuais constantes das alternativas abaixo, EXCETO em:

- a) De repente um monte de gente percebeu que tem pressa, não pode esperar, que é urgente chamar, é urgente ser chamado (...)

- b) Parar é chatear-se, e lá vamos nós: a ganância do tempo, a gula de digeri-lo, o consumo compulsivo (...)
- c) Quem não consegue capota, está fora do ritmo, fora de seu tempo, e pronto – com isso chegamos ao telefone celular.
- d) Nesse processo, uma das criações mais características do século foi a indústria da urgência.

85) (Mack-2005) TURMA DA MÔNICA Mauricio de Sousa



Além da pronúncia *ocê*, é possível encontrar, entre os diferentes grupos de falantes do português do Brasil, as formas “*cê*” e “*você*”.

Considere os enunciados abaixo e assinale a alternativa correta a respeito deles.

- I. “**Você** vem conosco?”
- II. “Trouxe este presente para **você**.”
- a) Na fala popular e informal, “*ocê*” e “*cê*” poderiam substituir *ocê* tanto em I quanto em II.
- b) Em usos informais da língua, “*cê*” poderia ser encontrado apenas em I.
- c) Em ambientes rurais, como o de Chico Bento, as formas “*você*” e “*cê*” jamais ocorrem em I e em II.
- d) Em usos coloquiais da língua, especialmente no meio rural, “*ocê*” aparece apenas em II.
- e) A gramática normativa aceita as três variantes (“*cê*”, “*ocê*” e “*você*”), na escrita e na fala.

86) (Mack-2005) TURMA DA MÔNICA Mauricio de Sousa



O qui é qui eu tô tocando?

Sobre a construção destacada acima, é correto afirmar que

- a) foi empregada por Maurício de Souza para evidenciar que a pergunta é uma espécie de charada ou enigma.
- b) complementa o verbo “estar”, utilizado como transitivo direto na pergunta.
- c) é semelhante, na linguagem informal, a outras construções usadas em interrogações (“como é que”, “por que é que”, “onde é que” etc.).
- d) apresenta dois pronomes relativos, com função de sujeito.
- e) seria preservada se invertêssemos a ordem da pergunta, iniciando-a por eu tô tocando.

87) (Fuvest-2000) Você pode dar um rolê de bike, lapidar o estilo a bordo de um skate, curtir o sol tropical, levar sua gata para surfar.

Considerando-se a variedade lingüística que se pretendeu reproduzir nesta frase, é correto afirmar que a expressão proveniente de variedade diversa é

- a) "dar um rolê de bike".
- b) "lapidar o estilo".
- c) "a bordo de um skate".
- d) "curtir o sol tropical".
- e) "levar sua gata para surfar".



GABARITO

1) Alternativa: B

2) a) O anjo de Drummond vem desenhado bem no estilo grave que lhe impõe a língua literária, culta; já o anjo de Chico Buarque, vem no estilo bem popular com que o autor o coloca na sua composição “safado”, “chato” e menos culto, bem na linhagem dos malandros que costumam ser brindados nas composições do autor.
b) O verbo “dizer” passa apenas a idéia neutra de uma informação; já “decretar” deixa clara a imposição a que parece não pode o sujeito esquivar-se de obedecer. A própria figura do querubim, na escala angelical é superior à do simples anjo, o que justifica a diferente escolha lexical.

3) a) Sim. “Capitulação” significa submissão, e o autor entende que o povo tem vergonha da própria língua (“com vergonha / Da própria língua”), e, portanto, capitula diante da invasão dos estrangeirismos.
b) Segundo o autor, não. Primeiro, porque o termo delivery poderia ser facilmente substituído por expressões da língua portuguesa, como entrega em domicílio; segundo, pelo uso da expressão ‘até’.

4) a) “Toques”, termo coloquial, informal, significa “indicações” ou, numa variante consagrada na gíria escolar, “dicas”.
b) Há inúmeras possibilidades. Uma delas: Vou te dar um toque: evite comprar brigas com esse professor.

5) a) “Precisamos de um novo ‘software’ para acessar o mundo.” (Este é o único trecho em que “a autora utiliza alguns elementos da tecnologia para traduzir seu pensamento”, embora a formulação da pergunta - “transcreva um trecho” - implique a existência de outros trechos.)
b) No mundo presente, a vida não mais é moldada por valores e modelos (“padrões”) tradicionais.

6) a) por poucas e boas; tipo quando; teve um love affair; lady; para Deus e o mundo
b) A princesa Diana já passou por momentos difíceis. Por exemplo, quando seu ex-marido Charles manteve um relacionamento extraconjugal com a senhora Camille, revelado mundialmente.

7) Alternativa: E

8) a) As marcas são:
Uso de 'a gente' em lugar de 'nós', mas fazendo a concordância com 'nós'. (*a gente ...vamos prestar*)

Uso do verbo 'zoar'.

b) Entre os motivos que a ligaram à carreira **está** o gosto por literatura e inglês, que estuda há oito anos.

9) a) O pronome **você** está sendo usado de maneira generalizante, referindo-se a qualquer pessoa (às pessoas em geral). Esse uso é típico da linguagem oral, coloquial.
b) Sim. O fato de o aluno nem prestar atenção é colocado como algo bastante negativo para a professora e, ao mesmo tempo, como comum à empregada. Portanto, fica subentendido que o que a empregada fala não é merecedor de atenção.

10) a) Compre dois sabonetes e ganhe o terceiro.
b) O jogador encarou o adversário.
c) O advogado é um elo entre o cliente e a Justiça.
d) Certos países **vivem em** conflito.
e) **No momento não temos** esse produto, mas vamos recebê-lo.

11) Alternativa: D

12) Alternativa: B

13) a) O principal propósito da passagem transcrita é definir o significado histórico de Revolução.
b) Revolução significa mudança de classe no poder, através de violência. Assim como foi a queda da aristocracia e conseqüente ascensão da burguesia, na Revolução Francesa, e a vitória do proletariado na Rússia.

14) a) Há **mais** que três. São elas:
“Tudo ele contou **pro** homem”
“... e eu fiquei **pra** vos contar a história”
“Por isso **que** vim aqui”
“**Me** acocorei **em** **riba** destas folhas”
“... **botei a boca no mundo...**”

b) “Pro” é uma contração de para + o, mas ainda não dicionarizada.
“Pra” é uma forma reduzida de para, também ainda não dicionarizada.

O **que** da expressão “Por isso que vim aqui” é expletivo, traço marcante da coloquialidade.
Segundo a Gramática tradicional, não se inicia uma oração com pronome pessoal oblíquo átono, tal como ocorreu em “Me acocorei”.
A expressão “em riba de” é marcadamente coloquial. A expressão “botei a boca no mundo” também é marcadamente coloquial.
Transformando-as em “fala pura”, teríamos:
• Tudo ele contou para o homem
• ... e eu fiquei para vos contar a história
• Por isso vim aqui
• Acocorei-me sobre estas folhas
• ... alardeei para todos...

15) Alternativa: D

- 16) a) Se eu não **estivesse** atento e **não tivesse** olhado o rótulo, o paciente teria morrido.
b) Ambientalistas defendem a ecologia, combinação de princípios da economia, sociologia e ecologia, como maneira de viabilizar formas alternativas de desenvolvimento.

Obs: Há outras ordens possíveis, tal como:

Como maneira de viabilizar formas alternativas de desenvolvimento, ambientalistas defendem a ecologia, combinação de princípios da economia, sociologia e ecologia.

- 17) a) ... a cada dia mais raros como também ou e também ou mas também (penam) na hora de trocar...
b) O paralelismo é estabelecido a partir da relação coordenativa de adição: não só... mas também.

18) Alternativa: A

19) Alternativa: A

20) O fato de o menino dispensar a oferta de mais um doce, oferecido pela narradora.

21) Alternativa: B

22) Alternativa: B

23) Alternativa: C

24) Alternativa: A

25) Alternativa: E

- 26) a) Porque não usa formas verbais menos comuns, como o mais-que-perfeito. Há várias possibilidades para o autor ter utilizado essa forma, mas, principalmente, o fato de ambas as formas serem equivalentes semanticamente e a forma composta ser mais comum e, portanto, de mais fácil entendimento, o que aproximaria o autor de seu público.
b) O verbo aspirar, no contexto, significa *desejar, querer, pretender, almejar*.

27) Alternativa: B

28) Alternativa: D

29) Alternativa: E

30) Resposta: 35

Alternativas Corretas: 01, 02 e 32

31) Resposta: 20

- 32) a) Quanto à eficiência, ele é ótimo.
b) Este funcionário não é adequado ao perfil da empresa.
c) Durante a entrevista, ele afirmou que a questão salarial seria adiada.
d) Na próxima semana, enviaremos nosso programa de atividades a todos os associados.

33) Alternativa: A

34) Alternativa: D

35) Alternativa: A

36) a) O candidato **tanto** pode responder 'sim' quanto 'não', **desde que justifique** adequadamente. A referência a 'Paraná', estabelecida pelo 'que', não se altera com a troca pela vírgula. O que muda é a ênfase sobre a relação entre as duas frases e, conseqüentemente, o ritmo, a entonação. Ocorrem, portanto, mudanças prosódicas. A vírgula imprime continuidade entre as duas frases, ressaltando o sentido de causa e conseqüência entre "largou o verbo" e "respondeu à altura", com menor ênfase sobre cada uma das ações afirmadas. O ponto final imprime maior independência entre essas ações, e também entre as personagens.

b) Esse trecho da resposta de Paraná chama a atenção para a sintaxe da língua pelo uso de 'le', não esperado segundo a norma gramatical padrão. A resposta de Paraná, pela presença do pronome oblíquo, traz uma tentativa de **estruturação formal**, que fica em dessintonia com a substituição de 'lhe' por 'lê' e por sua colocação na frase.
c) Esbravejou, gritou, trovejou (entre outras). As substituições que se aproximarem mais do sentido de 'tonitruou' serão mais valorizadas, mas todas as substituições possíveis serão consideradas.

Esta questão chama a atenção para a importância de reflexões sobre a pontuação, a prosódia, a sintaxe e a sinonímia nos processos de leitura e escrita. No item a), há uma articulação entre a pontuação e a prosódia. Seria interessante que o candidato reconhecesse a importância da prosódia para a interpretação. Contudo, como já afirmado, não se penalizará aquele candidato cuja resposta venha pautada por uma perspectiva mais referencial. No item b), espera-se que candidato reflita sobre a norma padrão da língua, e que, ao mesmo tempo, considere a sintaxe como parte integrante do processo de leitura. O item c) incide sobre a possibilidade de o candidato compreender o sentido de uma palavra mesmo que nunca a tenha encontrado anteriormente. As relações sinonímicas não se restringem à troca de uma palavra por outra, o que significa que essa questão não é de vocabulário, mas de leitura.

Fonte: Banca examinadora da Unicamp

37) Resposta pessoal do aluno.

38) a) Graciliano Ramos quer dizer que Guimarães Rosa não era uma pessoa mesquinha e não guardaria ressentimentos diante das críticas.

b) “- Mais depressa, é para esmoer?!”

Nota-se como o r não foi cortado (esmoê seria o recurso ingênuo).

39) Alternativa: B

40) Alternativa: D

41) A ambigüidade foi produzida pelo pronome dele, presente na expressão “à casa dele” que tanto pode referir-se à casa de Carlos quanto à de João: assim, ficamos sem saber à casa de quem o sujeito foi.

Para evitar essa duplicidade de sentido, poderíamos redigir a frase de duas formas diferentes:

a) Carlos foi à casa dele com João.

b) Carlos foi à casa de João com ele.

42) Alternativa: A

43) Alternativa: D

44) A língua escrita é bastante diferente da língua falada, como bem mostra o texto de Jô Soares. A língua escrita não é uma mera transcrição fonética da fala, uma vez que em sua composição contribuem também fatores etimológicos.

Se a língua escrita fosse igual à falada, não seria possível a unidade da língua portuguesa, uma vez que existem inúmeros modos de pronúncia nas várias regiões do país, ou até mesmo dentro de uma mesma região.

45) a)

- “dar bola”: prestar atenção, ter interesse por

- “campos”: assuntos, matérias

b) Boleiros sob medida permite, de acordo com o texto, as seguintes interpretações:

- Atletas que se encaixam perfeitamente em uma posição

- Atletas que são submetidos a avaliações constantes.

46) a)

De forma:

Uso da primeira pessoa: *me, fui, pendurei, meus*

De conteúdo:

Digressão: *onde, por sinal, pendurei uma tela de Bruegel, um dos meus favoritos.*

Subjetividade e emotividade: *dia cinzento e triste, um dos meus favoritos*

Apresentação dos sentimentos e estados do cientista: *me causou arrepios, uma terrível dor de dentes*

b) O uso da voz passiva sintética, em que o agente é indeterminado.

47) Alternativa: C

48) a) O verso “— Eh, carvoeiro!”, repetido três vezes ao longo do poema, substitui o registro culto (“carvoeiro”) pela variante coloquial, reproduzida por aproximação sonora, que elide a vogal “i”. O próprio poema fornece a prova da aproximação, ao apresentar, no primeiro verso, a forma culta “carvoeiros”.

b) Embora o poema pertença a uma fase de transição para a estética desencadeada pela Semana de 1922, seu autor, Manuel Bandeira, tornou-se uma das principais personalidades da nova escola. Explorando a variante popular da linguagem, o texto incorpora alguns traços característicos do Modernismo: a focalização de personagens populares, em tarefas corriqueiras do cotidiano (neste caso, os “meninos carvoeiros”); a preocupação social (presente na referência à “Pequenina, ingênua miséria!” das crianças) e a liberdade formal (patente na adoção de versos livres e brancos).

49) Alternativa: D

50) a) O radical “-logia” (-tologia) usualmente identifica campos de conhecimento (como em geologia, ecologia), mas embromar não é um desses campos de conhecimento.

b) Achávamos nojento o cheiro de bicho, de bosta e de mijo, mas a ecologia nos fez achar isso genial.

c) “... e estava escrito que é pausterizado, ou pasteurizado, sei lá, tem vitamina...”

51) Alternativa: A

PERCENTUAIS DE RESPOSTA NO EXAME

A	B	C	D	E
34	16	16	19	15

O efeito de paródia, explorado como recurso estilístico pelo autor desse poema, apresenta-se na utilização de expressões retomadas ora da carta de Pero Vaz de Caminha ora da linguagem coloquial corrente de época, gerando um efeito de humor crítico. Uma condição essencial para compreender o problema proposto nessa questão - identificar os arcaísmos e os coloquialismos existentes no poema - é conhecer o contexto de produção do texto e sua relação intratextual. Se o participante desconhece ou não considera o contexto histórico do poema, a identificação será parcial, já que o enunciado indica como pressuposto “a criação de um efeito de contraste” na utilização das expressões. Possivelmente a

utilização de “contraste” como critério de interpretação justifica os percentuais de escolhas dos distratores. Uma outra possível explicação para esses percentuais deve-se ao fato de os participantes terem considerado apenas os termos “arcaísmo” e “coloquialismo” e, não tendo elementos para analisá-los, provavelmente deslocaram o texto do contexto e apoiaram-se em outros elementos para resolver a questão.

Fonte: relatório pedagógico ENEM 2001

52) Alternativa: A

53) Alternativa: A

54) a) Sim, porque o campo semântico das metáforas (estribo, rédeas, algibeira) é compatível com o interlocutor, o fazendeiro Matraga.

b) Há mais de uma. São elas:

“não tira o estribo do pé de arrependido nenhum”
“o Reino do Céu, que é o que mais vale, ninguém tira de sua algibeira”.

55) Alternativa: A

56) Alternativa: A

57) Alternativa: D

58) Alternativa: A

59) a) No verso “e no idioma pedra se fala doloroso” ocorrem duas derivações impróprias: o substantivo “pedra” foi empregado com valor adjetivo; o adjetivo “doloroso” foi utilizado como advérbio.

b) Nesse verso, a palavra “todo” pode se relacionar tanto a “tempo” quanto a “trabalho”. Possibilitam-se, assim, duas leituras para o verso: num caso, “esse trabalho” toma o “tempo todo”; noutro, “todo esse trabalho” toma tempo.

60) a) “Aí”, “deita e rola”, “está por cima da carne-seca”, “seria um inferno”, “entrar em parafuso”.

b)

“Aí” = dessa forma, assim, então.

“deita e rola” = faz o que quer.

“está por cima da carne-seca” = está em situação privilegiada.

“seria um inferno” = seria traumático, difícil.

“entrar em parafuso” = perder o controle.

61) Há inúmeras possibilidades. Uma delas é:

A ciência procura expedientes engenhosos para combater o câncer, mas desta vez parece que pesquisadores

americanos encontraram uma solução bastante simples, mas nunca antes imaginada.

62) a) O discurso falado tem como características principais a presença de interlocutores e um único espaço e tempo. Como marcas dessas características, temos a primeira pessoa do plural, *nós*, que marca tanto o emissor quanto o interlocutor e a seqüência de perguntas, com o efeito de introduzir o interlocutor de alguma forma no diálogo. Os pronomes *esta* e *aquela*, cujos referenciais só podem ser obtidos no momento da fala, também são indícios fortes do discurso oral.

b) Dinamicidade. O período é marcado pela coordenação, que cria um efeito dinâmico, de sucessão de ações.

63) a) Orientação para o uso deste medicamento
Antes de usar este medicamento, verifique se no (também é aceitável *do*) rótulo constam as seguintes informações: seu nome, o nome de seu médico, as datas de manipulação e de validade, e a fórmula do medicamento solicitado.

b) O pronome “seu” faz referência à pessoa que comprou o medicamento. Essa conclusão é possível porque o pronome “seu” aparece, com o mesmo referente, na expressão “seu médico” e como não faz sentido que o remédio tenha um médico, o pronome “seu” só pode estar referindo-se ao leitor.

64) a) acentuação: Prémio (duas vezes);
grafia: factó, actual

b) As construções típicas do português europeu são *beneficiava, a assinar, a pedir*; os equivalentes brasileiros são *beneficiaria, assinando, pedindo*.

c) “...o critério actual é o dos mais traduzidos”

65) Alternativa: A

66) Alternativa: C

67) Alternativa: A

68) Alternativa: B

69) Alternativa: B

70) a) o - r final: desaparece, independentemente da vogal que o precede ou da classe a que pertence a palavra:

“contá” por contar (verso 2)

“derrubá” por derrubar (verso 13)

“sinhô” por senhor (verso 1)

“cobertô” por cobertor (verso 25)

“esquecê” por esquecer (verso 27)

o - lh medial das palavras: é substituído pela vogal i (que passa a formar ditongo com a vogal anterior:

“véia” por velha (verso 5)

“paia” por palha (verso 26).

b) No padrão culto, as formas seriam: podemos, arranjam e pegamos. Comparando-as com as formas usadas, fica evidente que o processo de conjugação no padrão usado no poema elimina as desinências **-mos**, conjugando os verbos como se estivessem na terceira pessoa do singular.

71) Alternativa: D

72) Alternativa: C

73) a) A sensação de prazer diante do sofrimento alheio: em *"Suave Mari Magno"*, são os pedestres que têm prazer de ver o "cão que ia morrer"; em *"Seqüência"*, são as pessoas que gostam de "presenciar a / criança indefesa / espernear numa coça de chineladas".

b) Em *"Seqüência"*, podem-se citar as palavras "Ome", "pra", "ocê", "fruta", bem como a próclise em "me sujando" e a enumeração no final do segundo verso, com o pronome reto na posição de objeto direto ("minha mãe, eu").

74) Alternativa: C

75)

01	02	04	08	16
F	V	V	F	V

TOTAL = 22

76)

01	02	04	08	16
V	V	V	V	V

TOTAL = 31

77)

01	02	04	08	16
V	F	V	V	V

TOTAL = 29

78) a) "numa boa"

b) Enviados a um computador, esses sinais permitiram a ele controlar um cursor em uma tela, abrir e-mails, jogar videogame e comandar um braço robótico.

c) Embora tenhamos inventado a maravilha do automóvel, aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho.

79) Alternativa: C

80) Alternativa: A

81) Alternativa: B

82) Alternativa: A

83) Alternativa: A

84) Alternativa: D

85) Alternativa: B

86) Alternativa: C

87) Alternativa: B

